

# SOMNIUM

123

Edição Especial  
Santos Dumont



Somnium é uma publicação oficial do CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica

**Destaque FCB**  
**O plano de**  
**Robida**  
**Roberto**  
**Causo**

**Conto**  
**A ideia**  
**fatal**  
**Marcelo**  
**Rabello**

**Biografia**  
**de**  
**Santos**  
**Dumont**  
**Dario**  
**Andrade**

**Entrevista**  
**com**  
**Cirilo S/**  
**Lemos**  
**Vencedor**  
**do Argos**

**Artigo**  
**Steampunk**  
**no Brasil**

**Artigo**  
**Obsessão**  
**pelo voo**



[www.clfc.com.br](http://www.clfc.com.br)

# Editorial

por Luiz Felipe Vasques

Saudações!

Um especial Santos Dumont é algo inescapável de fazermos aqui no Somnium, em razão dos 150 anos de seu nascimento em 20 de julho\* deste ano. Santos Dumont é pura ficção científica – e é brasileira.

O caçula da família de Henrique Dumont e Francisca de Paula Santos era ávido leitor das Histórias Extraordinárias de Júlio Verne, e vivia fascinado pelo mundo mecânico da fazenda em que crescera, fazenda esta justamente modernizada pela visão de Henrique – um dos poucos Reis do Café do Brasil –, com locomotivas e maquinário para o preparo do café. Reconhecendo o potencial do filho, é graças a esta mesma visão que Alberto, na devida idade, é enviado a Paris para desenvolver seus estudos e realizar seus feitos.

Ele chega na Paris da Belle-Époque, talvez o último grande momento histórico da Cidade-Luz, com toda sua efervescência intelectual, artística e cultural, antes dos horrores de duas guerras mundiais. Santos Dumont acrescentou àquele cenário, ao captar a atenção dos parisienses que agora olhavam para cima.

Ele percorreu os três passos que haviam na época, em termos de elevação: começou no balonismo, desenvolvendo aí seu primeiro projeto; passou para o balão dirigível, com um dos quais provou a funcionalidade do conceito ao decolar, dar a volta pela torre Eiffel e retornar ao mesmo ponto dentro de um tempo estimado; e, por fim, voou com o mais-pesado-do-que-o-ar.

Quando venceu o Prêmio Deutsch (pela volta à torre Eiffel), entre os diversos telegramas de congratulações que recebeu da França e outros países, destacavam-se dois nomes: H. G. Wells e Júlio Verne. Era como se os Pais da Ficção Científica dessem a benção, “vai que é tua, garoto!”. Consta que, ao falecer, Verne agora era fã dos feitos de Santos Dumont. Pena não ter vivido mais um ano, pois veria o 14-Bis.



# Editorial

por Luiz Felipe Vasques

Seus projetos nunca foram patenteados. Não só dinheiro nunca lhe havia sido exatamente problema, mas desde o balonismo que ele percebeu que o estrangeiro não era tão estranho assim: as pessoas de além das fronteiras imaginárias, com costumes e idiomas próprios, ainda eram pessoas. Acreditava ele que, com o voo, alcançar esse Outro seria uma ferramenta de paz, acabando com o medo e a desconfiança de quem se desconhecia. Portanto, voemos todos juntos: fornecia cópias de seus projetos a quem pedisse...

... enquanto isso, nas charnecas do Alabama, poucos anos antes, dois irmãos voaram em segredo com uma invenção pensada para ser uma arma, a ser vendida para o exército (e posteriormente processando cada projetista que, nos EUA, veio com máquina semelhante – e perdendo todos os casos). O romantismo do Século XIX encontrava o pragmatismo do Século XX: mas até aí, tanto pior para todos nós.

O Pioneiro da Aviação nasceu em Minas Gerais, cresceu em São Paulo, voou na França e se immortalizou em nossos corações.

Santos Dumont nos é inescapável.

**Luiz Felipe Vasques, 12/2023.**

\*Curiosa data que também é aniversário do primeiro pouso tripulado na Lua – Neil Armstrong e Buzz Aldrin só sairiam para a superfície no dia seguinte, em 1969.



## EXPEDIENTE

SOMNIUM 123 - Dezembro de 2023

**Editores:** Eduardo Torres, Gerson Lodi-Ribeiro, Luiz Felipe Vasques, Rubens Angelo; projeto gráfico: Sid Castro, diagramação: Rubens Angelo; **Colaboradores:** Dario Andrade, David Machado, Erick Rezende, Guilherme Xavier, João Gomes, Nana Calimeris, Sílvio César e Valter Cardoso. **Capa:** Rubens Angelo/a partir de IA.

**CLFC Diretoria 2021/2023 - Chapa ARGONAUTAS - PRESIDENTE:** Luiz Felipe Vasques Fernandes Guedes; **SECRETÁRIO EXECUTIVO:** Sidemar Vicente de Castro; **TESOUREIRA:** Caroline Libar

# Edição 123: Apresentação

por Rubens Angelo

Chegamos em 2024 com muito orgulho, entusiasmo e esperanças renovadas... e o melhor de tudo, com mais um especial da Somnium! E o melhor, celebrando um grande brasileiro, nosso querido gênio dos ares: Santos Dumont. Esse desbravador da “navegação aérea” merece não apenas nosso respeito, mas também precisa ser redescoberto por nossos escritores, como uma inspiração para novas histórias, novas aventuras e novas esperanças... Dumont sonhou com a exploração dos céus — e não há nada mais inspirador para a ficção científica do que isso!

Vale salientar que esta edição comemorativa deveria ter sido lançada ainda em 2023, de forma que ficasse em sintonia com o aniversário de 150 anos de Santos Dumont, mas infelizmente não foi possível montar a edição a tempo. O motivo da demora é que o CLFC estava às “voltas” com o preparo do livro **“Vinte voltas ao redor do Sol”**, um projeto incrível para trazer ao público o que há de melhor na ficção científica brasileira — e devo dizer que foi uma honra e um prazer enorme ser também o editor deste livro histórico (falaremos desta coletânea nesta edição!). De todo o modo, o atraso deste especial, tenho certeza, será compensado pela belíssima e instigante edição que agora todos poderão desfrutar.

Nessa edição, trazemos na capa a história **“O plano de Robida”**, do consagrado escritor Roberto Causo. Sua narrativa tem contornos de uma saga épica, com guerras aéreas, tiranos, princesas exóticas, cidades perdidas e é claro, um grande herói brasileiro.

Mantendo o ritmo de aventura histórica, Marcelo Rabello nos brinda com **“A ideia fatal”**, nos levando a conhecer um Brasil diferente, uma nação vocacionada para a conquista dos céus.

Contamos também a saga de Santos Dumont — para aqueles que não conhecem tão bem o quão brilhante foi esse brasileiro — numa **biografia** conduzida por nosso colaborador Dario Andrade.

Trazemos também um artigo que tem tudo a ver com as invenções visionárias de Santos Dumont: **“O Steampunk no Brasil”**, por Roberto Causo.

Na sessão de quadrinhos, temos mais uma tira **“Sci-fi Shorts”** dos geniais LC Braga e JJ Marreiro.

Para apimentar a edição, um artigo de minha autoria esmiúça **“A obsessão pelo voo”**.

Temos a estreia de uma coluna nova chamada **“Fatos em Ficção”**, de Valter Cardoso.

E para fechar com chave de ouro temos uma entrevista com Cirilo Lemos, vencedor do **Prêmio Argos** na categoria Romance.

Coloquem seus óculos protetores pois o lastro já foi liberado e os motores rugem a todo o vapor. Nosso aeróstato já está em voo... então vamos aproveitar a vista. Boa leitura!

**Rubens Angelo (Editor)**

# Especial Santos Dumont

# Índice

## INTRODUÇÃO

Algumas palavras sobre Roberto Causo - Rubens Angelo .....	6
---	---

## CONTO

Destaques FCB: O Plano De Robida, Un Voyage Extraordinaire - Roberto Causo .....	8
--	---

## BIOGRAFIA

Uma breve biografia do pioneiro da aviação - Dario Andrade .....	37
---	----

## ARTIGO

A obsessão pelo voo - Rubens Angelo .....	42
---	----

## CONTO

A Ideia Fatal - Marcelo Rabello dos Santos .....	49
--	----

## QUADRINHOS

“Sci-fi Shorts” - LC Braga e JJ Marreiro .....	54
--	----

## COLUNA

Fatos em Ficção - Valter Cardoso .....	56
--	----

## ARTIGO

O Steampunk no Brasil - Roberto Causo .....	57
---	----

## PRÊMIO ARGOS 2023

Vencedores .....	60
------------------	----

## ENTREVISTA

Cirilo S. Lemos, vencedor do prêmio Argos 2023 na categoria de melhor “romance” .....	61
--	----

## EQUIPE SOMNIUM

A equipe de Leitura Crítica .....	63
-----------------------------------	----

# Introdução

## Algumas palavras sobre Roberto Causo

por Rubens Angelo

**R**oberto Causo, paulista, é autor, editor e pesquisador de ficção científica, fantasia e horror. Sem dúvida, é um dos mais completos e competentes escritores brasileiros de literatura fantástica, tem uma obra extensa, que vai da fantasia urbana (*A corrida do rinoceronte*) à *space opera* (*Shiroma, matadora ciborgue*), passando pela fantasia heroica baseada nos romances de espada e feitiçaria (ou borduna e feitiçaria, como o autor se refere ao romance *A sombra dos homens*), e pelo horror (*Mistério de Deus*). Também merece destaque a sua obra de ficção científica militar, como os excelentes *O par: uma novela amazônica* e *Selva Brasil*.

Além de escritor, Causo também é um importante pesquisador da ficção científica brasileira e já colaborou com artigos e resenhas para inúmeros jornais e revistas, como o *Jornal da Tarde*, *Folha de S. Paulo* e revistas como a *Ciência Hoje*, *Isaac Asimov Magazine* e a famosa *Locus*, dos EUA. Em 1997, em parceria com Edgard Guimarães, Causo editou, de forma independente, a Biblioteca Essencial da Ficção Científica Brasileira, publicando estudos, catálogos e ensaios de autores da ficção científica brasileira. Causo também reeditou o livro *Introdução ao Estudo da "Science Fiction"* de André Carneiro, publicado originalmente em 1967 e que foi um marco nos estudos do gênero aqui no Brasil. De fato, o autor é um dos mais citados nos estudos acadêmicos sobre o gênero da ficção científica no Brasil, ao lado de M. Elizabeth Ginway (com seu livro de 2004, *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*) e Bráulio Tavares (com *O Que é Ficção Científica*, de 1986). O livro de Causo, *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950*, publicado em 2003, é um estudo verdadeiramente extenso, que traça em detalhes as origens e o desenvolvimento da ficção científica brasileira.

A obra de Causo é multifacetada, com fortes doses de ação e aventura. Segundo o próprio autor, suas influências literárias são variadas, mas começou a gostar de ficção científica bem cedo, aos 9 anos, graças aos quadrinhos de Brick Bradford e Léo Futuro, e, logo depois, à série *pulp* alemã *Perry Rhodan*. A série de TV *Além da Imaginação* também o influenciou,

e, por tabela, os autores que escreviam para ela, entre eles Ray Bradbury, Richard Matheson e Charles Beaumont, além do seu criador, Rod Serling. Dessa fase de formação literária, Causo também se debruçou sobre as obras de Isaac Asimov e Arthur C. Clarke, mas atualmente acredita que suas principais influências na FC, na fantasia e no horror são Orson Scott Card, Robin Hobb e Stephen King, além do brasileiro Ivan Carlos Regina e Rubens Teixeira Scavone, um por suas ideias acerca da FC brasileira, o outro pela sua ética de escritor. Causo cita os autores Raymond Chandler e Robert B. Parker como grandes influências por fornecerem elementos de estilo da ficção de detetive, algo que o autor por vezes inclui em alguns de seus projetos.

A noveleta "O Plano de Robida: *un voyage extraordinaire*", que você lerá a seguir, é um ótimo exemplo de como Causo habilmente manipula referências históricas com obras clássicas para tecer uma trama em torno da figura de Santos Dumont. Trata-se, em essência, de uma aventura maravilhosa, uma história que deixaria Julio Verne orgulhoso. Segundo o autor, a ideia para essa noveleta é antiga, mas ganhou força com a popularização do subgênero *steampunk* no Brasil. Nas palavras do autor:

"Quando eu fazia a graduação em Letras na Universidade de São Paulo e pesquisava para a iniciação científica que resultou no meu livro *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1975 a 1950* (publicado em 2003 pela Universidade Federal de Minas Gerais), ocorreram-me as primeiras ideias para histórias de ficção científica recursiva. O primeiro resultado foi o conto 'A Vitória dos Minúsculos', publicado na revista *Nossas Edições* Nº 4, em julho de 1997, e em seguida na revista de RPG *Dragão Brasil* Nº 38, em maio de 1998, e, finalmente, no meu primeiro livro de contos, *A Dança das Sombras*, lançado em Portugal como parte da coleção Caminho Ficção Científica (Nº 189), em julho de 1999.

"Com Machado de Assis como protagonista e inspirado no conceito da antologia de Kevin J. Anderson, *The War of the Worlds: Global Dispatches* (1996), "A Vitória dos Minúsculos" imagina a invasão do Rio



# Introdução

## Algumas palavras sobre Roberto Causo

por Rubens Angelo

de Janeiro pelos marcianos descritos por Wells em *A Guerra dos Mundos* (1897). É certamente um exercício *steampunk* que antecede em cerca de dez anos o favorecimento desse subgênero entre os escritores brasileiros de FC.

“Em 18 de dezembro de 2008, recebi convite do editor Gianpaolo Celli, da Tarja Editorial, para submeter uma história ao projeto de antologia *Steampunk: histórias de um passado extraordinário*. Minha resposta foi: ‘Muito obrigado por pensarem em mim para esse projeto. Gostaria muito de participar. Há alguns anos que venho pensando em uma história *steampunk* ambientada no Brasil, e tenho algumas ideias.’ Ideias que me vieram justamente quando daquela pesquisa de iniciação científica.

“O convite de Celli veio, porém, em um momento difícil da minha vida. Minha mãe Maria Nirce tinha falecido no dia 10 de dezembro de 2008 — e meu pai Roberto a seguiria em 9 de fevereiro de 2009. Além do desgosto com o duplo golpe e as agruras burocráticas encaradas de cartório em cartório com meu irmão Antonio, eu enfrentava a escrita de um relatório de qualificação de doutorado. Recorri à leitura e à escrita para não afundar na depressão. Entre o material que li naquele duro momento, esteve a antologia *Steampunk* (2008), de Ann & Jeff VanderMeer.

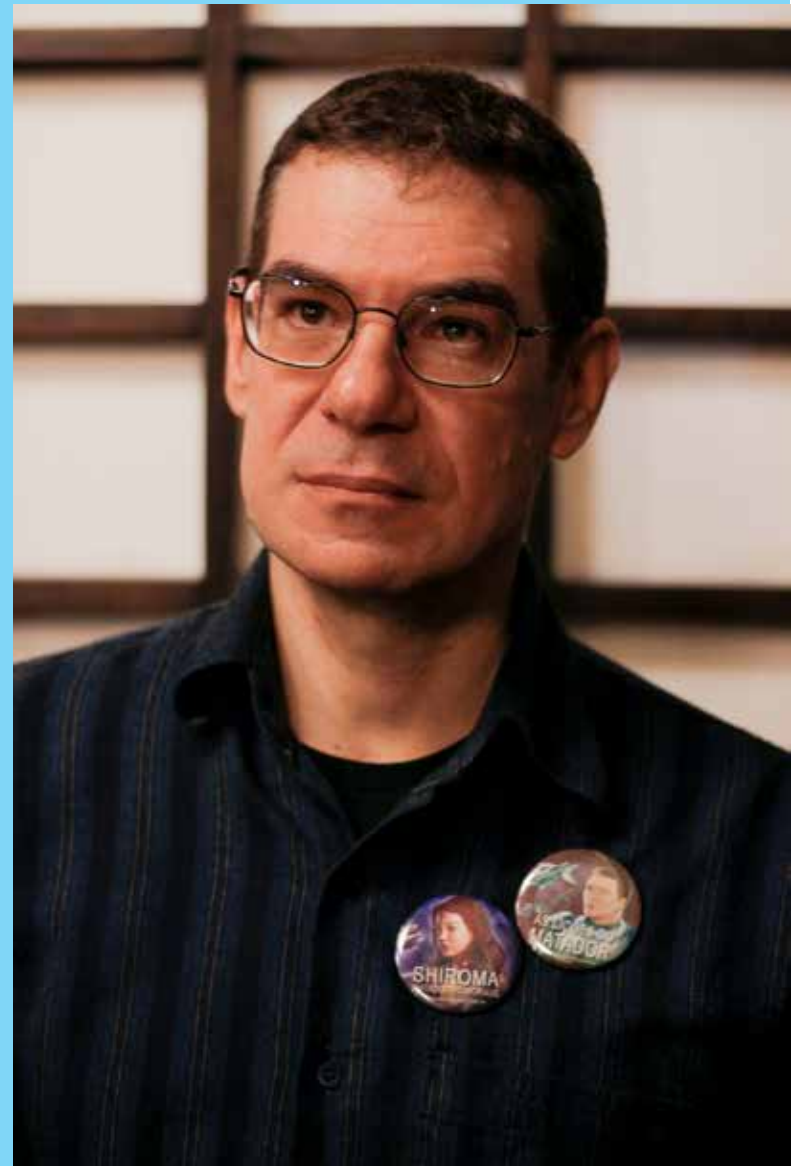
“A noveleta ‘O Plano de Robida: *un voyage extraordinaire*’, integrou, portanto, *Steampunk: histórias de um passado extraordinário*, editada por Gianpaolo Celli para a Tarja Editorial, e publicada em julho de 2009. A noveleta já fora imaginada como o início da série protagonizada por Ulisses Brasileiro. Curiosamente, porém, minha história *steampunk* ‘Dactilomania’ apareceu antes, na *Terra Magazine*, a revista eletrônica criada pelo jornalista Bob Fernandes para o Portal Terra. A história apareceu *online* em 28 de março de 2009 e atesta o quanto a pesquisa e o interesse pelo *steampunk* mexeu comigo naquela época.”

Apesar de ser uma história com início, meio e fim, “O Plano de Robida” ganhou uma continuação igualmente empolgante: “Eterna: *The Lost City*”. Esta segunda aventura do herói Ulisses, prometemos, logo será publicada também na *Somnium*, para o deleite de todos.

Mais recentemente, Causo vem se dedicando ao seu projeto mais ambicioso: o Universo GalAxis, com duas séries de *space opera* ambientadas quatrocentos anos no futuro, prevendo uma época em que a humanidade teria dominado a viagem interestelar, aventurando-se pela galáxia e começando a manter contato com outras espécies inteligentes. O Universo GalAxis comemora 15 anos de existência em 2023.

Saiba mais sobre o autor e como adquirir seus livros em: <http://universogalaxis.com.br>

Boa leitura!



O escritor Roberto Causo





*Ilustrações: Rubens Angelo/com base em IA*



# Destaques FCB

## O PLANO DE ROBIDA

### UN VOYAGE EXTRAORDINAIRE

Roberto Causo

#### I. RECONHECIMENTO MILITAR

O comboio enfrentava a penosa subida da Serra da Mantiqueira puxado por uma velha Baldwin 1895, requisitada da Companhia Paulista. O Capitão do Exército Imperial Ulisses Brasileiro ia na cabine ao lado do maquinista, sua Mauser C-96 em punho, carregada com dez munições .30 e pronta para disparar. A Baldwin ia em marcha lenta, o grande farol dianteiro apagado. A escura noite da serra era ferida apenas pelas lanternas vermelhas que dois soldados guardavam, agachados na plataforma acima do limpa-trilhos, diante da tampa da caixa de fumaça. Perante seu avanço, as barras gêmeas dos trilhos e as árvores retorcidas da Mata Atlântica vislumbradas sob essa luz espectral.

Quando Ulisses era apenas um rapagão que ainda não pensava no ingresso à Academia Militar da Corte do Império, a ideia de um ramal ermo e difícil como este seria motivo de riso. O Império investira muito na criação de estradas de ferro para o transporte da produção de café e o deslocamento de passageiros. Mas o primeiro ataque dos navios aéreos de Robida aos seringais da Amazônia em 1890

mudou tudo. Agora assentava-se trilhos por toda parte; o país ia numa corrida tecnológica para fazer frente aos navios aéreos, recursos tinham de ser explorados com presteza. Do outro lado da serra, a floresta era posta abaixo e queimava nos fornos de ferro gusa e em caldeiras como a desta Baldwin, adaptada para queimar carvão vegetal ao invés do mais energético antracito. Mão-de-obra barata e abundante, deslocada da Amazônia pelos próprios ataques de Robida, ope-

rava na região a partir dos acampamentos de refugiados em Bragança Paulista.

A corrida tecnológica era mundial: os piratas de Robida ameaçavam o comércio entre os países. Barcos no Amazonas, na foz e no Mar do Caribe eram vítimas frequentes do terror vindo do alto. As perdas navais fizeram subir as taxas do Lloyd's, seringais esvaziados tinham elevado o preço da borracha, minas atacadas nos Andes foram abandonadas. Em apenas dois anos, Robida passou a atacar também as províncias do Sul, ameaçando portos e ferrovias. Ousado, há menos de três meses afundara cargueiros britânicos na Baía da Guanabara. O apelo desastrado da Imperatriz por ajuda inglesa resultou na



## Santos Dumont

afrontosa presença de *dreadnoughts* na Baía de Santos; alvos gordos que Robida não desprezou, afundando um deles (por ironia, o *Triumph*) com bombas lançadas de muito alto no ar, além do alcance dos canhões de 12 polegadas e dos foguetes — a grande novidade tecnológica, que em seu primeiro uso real fracassou estrepitosamente.

O afundamento do *Triumph* foi um aviso de Robida dirigido às autoridades britânicas. Sem esperar pela resposta do Rei Eduardo, ele em seguida atacou um terminal do Porto de Santos e os fornos de gusa da Mantiqueira: os brasileiros também seriam taxados pela ousadia militar. Trabalhadores e refugiados em pânico inundando a Capital da Província, tornando a serra em área desértica. Versões menores dos navios aéreos — para reconhecimento rápido, supunha-se — passaram a sobrevoar São Paulo, Santos e Campinas com frequência. Índícios apontavam a Mantiqueira como base de operações. A razão da subida.

Atrás da pequena locomotiva e do seu tender, ia um carro aberto, de madeira e de lotação de sete toneladas. Ia com seis soldados guarnecendo as duas metralhadoras Maxim a proteger as partes desmontadas do aeróstato do Sr. Alberto Santos Dumont. Seguiu o vagão blindado, com os cilindros de hidrogênio. O inventor não estava no carro fechado, o último do comboio, com o restante da tropa e os seus trabalhadores — todos, assim como Santos Dumont, emprestados das oficinas do Barão de Mauá. O inventor exigia viajar com seu equipamento.

Era a segunda investida da missão de *reconnaissance*. A primeira terminara com cinco mortes e sete feridos.



\*

Ulisses Brasileiro herdara o comando do Major Irineu Barroso.

Barroso havia optado pela subida diurna para que barões e generais pudessem apreciar sua partida, antes de seguirem aos coquetéis no Palácio do Governador. Previamente Ulisses e seus comandados haviam sido importunados por sessões de esboços feitos por moços do estúdio de Pedro Américo, visando composição de um futuro quadro heróico. Nada dessa pompa, prevaricação política e pressuposição de vitória teria maiores consequências, não fosse o letal desfecho.

O primeiro comboio fora composto de seis carros com quatro me-

tralhadoras e uma locomotiva maior, mais barulhenta e sem o supressor de fagulhas da Baldwin. Até o crepúsculo não houve incidentes. Mas ao anoitecer, com o ruído dos rotores das lanchas voadoras abafado pelos arrotos dos pistões, a emboscada caiu sobre eles.

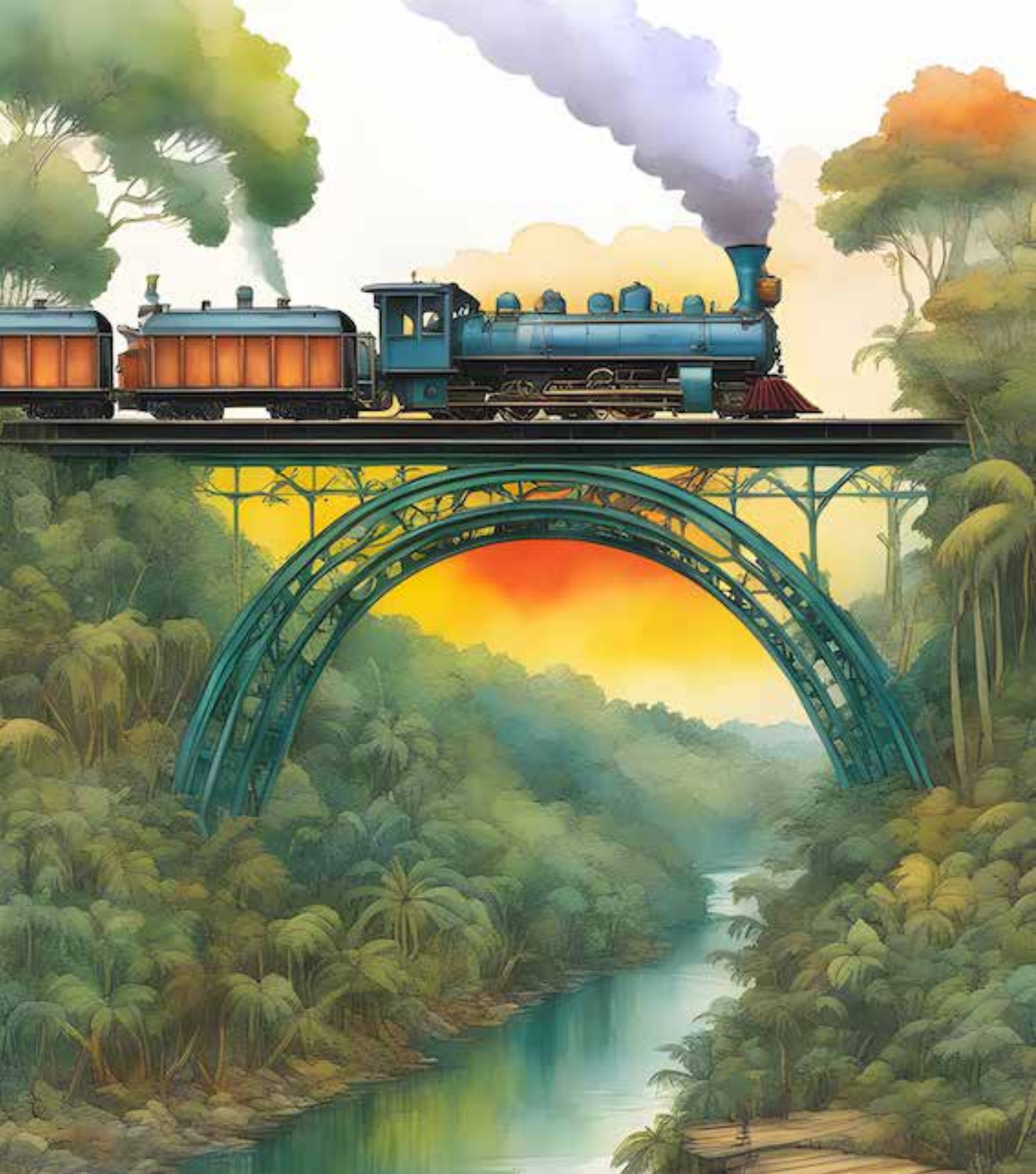
Na primeira salva dos piratas aéreos, Ulisses viu um dos homens que se postavam acima do limpa-trilhos cair para a direita, silhueta recortada contra a luz sanguínea dos lampiões de vidro vermelho, braços lançados para o alto — e então seu impacto no solo, o corpo girando no terreno irregular e rolando no caminho das rodas de ferro. Era o Cabo Aristides, arrimo de família, que havia sido um dos seus melhores homens e não merecia morte tão horrível.

Mas Ulisses se arrancara do choque, para esvaziar a Mauser para o alto. Não via os atacantes, apenas as chamas dos seus disparos. Lá de cima sobreveio um grito ainda mais forte e mais ardido que o de Aristides ao ser derrubado da locomotiva. Logo as metralhadoras do comboio também se fizeram ouvir, e segundos depois a emboscada tinha sido rompida.

A locomotiva, porém, tivera a caldeira perfurada — e os feridos exigiam a atenção dos cirurgiões militares. Entre eles o próprio Major Barroso, ferido mortalmente nos pulmões.

Para a segunda investida, Ulisses conseguiu dos





generais temerosos de novo fiasco tudo o que lhe pareceu necessário ao sucesso da missão: a subida noturna e a Baldwin de seis rodas, mais discreta e com o supressor de fagulhas. Agora também com pintura fosca para a camuflagem noturna. E alguma blindagem na cabine e nas laterais da caldeira. O número de carros fora reduzido pela metade, a tropa idem. Sigilo era o mais importante.

Uma patrulha de caçadores subira a serra a pé dois dias antes, a verificar que os piratas não haviam destruído os trilhos até o ponto em que o aeróstato seria montado. Santos Dumont havia convencido as autoridades militares de que, se os piratas usavam a serra como base, seu local de pouso seria melhor reconhecido pelo ar. Como pelo ar também seria possível melhor avaliar o funcionamento das naves de Robida.



## Ulisses Brasileiro

Mas Ulisses ainda questionava a prudência da missão. Por tudo o que ouvira até ali, os aparelhos do inimigo eram bem armados e não possuíam a vulnerabilidade do balão de hidrogênio.

\*

A Baldwin foi detida antes de chegar à clareira, e então coberta com uma rede de camuflagem. Uma das Maxims foi instalada do outro lado da abertura entre as árvores, ausentes nesse trecho de terreno pedregoso. O aeróstato seria inflado ali.

Santos Dumont conferiu o Cartier que trazia atado ao pulso, à luz de uma lanterna vermelha. Ulisses aguardava ao seu lado.

— Pouco mais de uma hora de descanso, antes da montagem do aparelho.

Ulisses ordenou que as rações frias fossem distribuídas. O inventor, porém, surpreendeu a todos distribuindo café de uma garrafa de estranho formato. O café derramou-se quente, nas canecas dos cantis. Mas como, depois das horas de lenta subida da serra?

— É uma Garrafa Dewar, que mandei trazer da Alemanha — explicou. — Uma garrafa dentro da outra, separadas por vácuo, o que reduz a transferência de calor de uma superfície para outra. E o café é especial, da fazenda de meus irmãos em Ribeirão Preto. É o mesmo que bebem os lordes ingleses e os membros da aristocracia francesa.

Os homens tomaram o café segurando com reverência as canecas. O próprio Ulisses sorveu-o devagar, sentado ao lado do inventor. Praticamente encostavam-se na locomotiva, que ainda irradiava calor contra o frio cortante da serra. Santos Dumont usava xale e um chapéu panamá artificialmente escurecido



para a missão noturna — peças que muito destoavam da túnica do uniforme. Ele conferiu o relógio e então o estojo com seus remédios homeopáticos. Ulisses pigarreou.

— Não tivemos oportunidade de conversar, Sr. Santos Dumont, além de discutir os detalhes da missão...

— Pode me chamar de Alberto.

Sua vontade era perguntar se eram verdade as cenas das reportagens d'*A Ilustração Brasileira* e satirizadas pelo traço de Angelo Agostini nas páginas d'*O Malho* — em que o aeronauta ia de balão dirigível de casa até o Paço Imperial, aos restaurantes e à praia, como se o fabuloso aparelho fosse uma bicicleta ou os automóveis à explosão que eram vistos no Rio de Janeiro e São Paulo. E se era mesmo verdade que, por superstição, ignorância ou outro motivo, os moradores dos cortiços nos morros da Capital haviam alvejado seu dirigível. Achou, porém, que seria indiscrição de sua parte.

— Como viestes a se interessar pela Aeronáutica, Alberto?

— Como viestes a se interessar pela Aeronáutica, Alberto?

— Pelas leituras de *monsieur* Jules Verne. Tanto que, ainda na juventude, fui à França estudar balonismo. Fiquei surpreso com o atraso desse campo, em relação ao descrito por *monsieur* Verne em seus livros.

— Também acho muito fantasiosos os livros do nosso Júlio Verne brasileiro...

— Bah! Augusto Zaluar é um imitador barato do mestre, assim como outros autores disso que os franceses chamam de *voyages extraordinaires*. — Fez uma pausa, antes de dizer: — Tive a boa fortuna de estar com Verne, quando ele veio ao Brasil escrever sobre Robida aos jornais franceses. Não é sempre





que um membro da Academia Francesa de Ciências e da Academia Francesa de Letras vem ao nosso país. Até obtive a aquiescência dele para participar de sua expedição à Amazônia à procura dos piratas aéreos. Pena que a Imperatriz vetou-a.

— E como viestes a trabalhar com o Exército, Alberto?

O inventor era um homem pequeno e, apesar da maturidade dos seus trinta e poucos e anos, havia algo de jovem e feminino em seu rosto fino de faces por escanhoar. A farda do Exército caía-lhe mal em sua miudeza. Seu bigode, apesar da turbulência nervosa dos últimos dias, ainda parecia bem-aparado. Ulisses tocou seu próprio bigode, precocemente grisalho.

— Pela causa de uma futura força armada aérea — Alberto respondeu. — Tenho recebido incentivos da Imperatriz para meus projetos, desde que retornei da França, como o capitão deve saber. Se eu conseguir impressioná-lo com resultados palpáveis nesta nossa operação, poderemos todos dar um passo adiante na

luta contra Robida, com a fundação de uma força armada *aérea* de aparelhos mais pesados que o ar!

— Usando aquele que o senhor criou, o *Sinhazinha*?...

O inventor fez um gesto impaciente.

— Não! *Sinhazinha* foi concebido apenas como um demonstrador do transporte aéreo individual. Para enfrentar Robida, teremos de construir versões mais potentes, maiores e bem armadas, para atacar as suas naves em vôo superior aos cento e cinquenta quilômetros por hora.

Ulisses aqueceu-se com outro gole de café tipo exportação. Alberto falava de velocidades difíceis de conceber... Os aparelhos seriam controláveis, voando tão rápido?

— O próprio Robida emprega aeróstatos... — disse.

— Sim. Mas o caso com esse homem é outro, meu caro amigo. Já se perguntou por que os aparelhos dele não se incendiam, quando atingidos?

— Certamente.

Lembrou-se do grito do homem que fora alvejado por seus disparos de Mauser, dias antes. No ângulo que estava, outros projéteis *teriam* de ter passado pelo homem e atingido a lancha voadora.

— No meu entender, Robida usa outro tipo de gás que o hidrogênio, em seus navios aéreos — Alberto dizia. — E antes que o senhor mencione o hélio, digo que não, *não* pode ser o hélio. Esse gás não é inflamável mas possui menos poder de elevar aparelhos, do que o hidrogênio. Na verdade, mesmo o hidrogênio seria insuficiente para elevar o maior dos veículos de Robida.

— Não compreendo...

— O segredo desse homem só pode ser um outro tipo de gás, Ulisses — Alberto disse. — De um tipo desconhecido da ciência, mas que esse vilão descobriu e manufacturou. A tabela periódica possui pouco mais de sessenta elementos químicos; outros devem existir à espera de serem desvelados pela ciência. Robida pode ter-se adiantado a todos nós, e agora mantém o seu gás misterioso, que poderíamos chamar de “robidênio”, como segredo absoluto. Por isso precisamos pensar em alternativas para combatê-lo. Um esquadrão de aparelhos mais pesados do que o ar, uma revoada de “*oiseaus de proie*”, organizada, em conjunto com outras, numa força aérea. É esse o meu projeto junto à Imperatriz.

Ulisses digeriu tudo em silêncio, até que do precioso café ficou apenas o gosto persistente na boca. Teve início o serviço de desembarque das peças. Ele e Alberto supervisionaram a montagem do aeróstato dirigível, que ambos haviam previamente testado em outra madrugada garoenta, fazendo-o subir até tocar o teto da Estação da Luz, lacrada para o experimento. Que emoção, voar lentamente tão alto junto às treliças de ferro fundido, a quase quarenta metros de altura! Ao alvorecer, voariam novamente, agora em campo aberto, acima de árvores e colinas.

\*

Quando o aeróstato foi montado, o céu encoberto demorou a ceder aos raios solares. Havia neblina, garoa e muito frio.

— Este clima dar-nos-á cobertura durante a decolagem, contra os batedores de Robida — Alberto disse, quando os dois subiram na gôndola.

Ulisses sabia que a decolagem seria um dos momentos de maior vulnerabilidade; de fato a serração era-lhes benéfica. Mas esperava que, conforme o sol

subisse, ela se dissiparia e dar-lhes-ia os meios de realisar sua missão.

O N° 29 era um aparelho enorme, mas longe de rivalizar com as maiores naves de Robida. De cinqüenta metros de comprimento e retendo 2100 metros cúbicos de hidrogênio, era feito de seda, cordame leve, bambu e palha trançada. A barqueta inteiriça, construída sobre a treliça e o estrado reforçado, suportaria o peso dos três homens mais equipamento. O grande charuto de pontas ogivais fora pintado em tons verdes, para não ser identificado por quem o olhasse de cima. O lastro de sacos de areia o faria voar poucos metros acima da copa das árvores mais altas.

Ao subir, a primeira coisa que Alberto fez foi tomar suas gotas homeopáticas. Ulisses supôs que a umidade não lhe fazia bem. O frio era tanto que o oficial lho invejou o cachecol e o chapéu tão pouco militares. Em sua cabeça ia um capacete de cortiça “Wolseley” inglês, mais adequado contra o sol tropical do que contra o frio da madrugada.

O segundo ato do aeronauta — que comandava a missão quando assentado ao leme de seu aparelho — foi ordenar que todos metessem às costas a mochila com o velame de seda, outra de suas curiosas invenções. Um cordão numa argola projetava-se da mochila e era fixado às linhas de segurança da barqueta.

O terceiro homem era o Sargento Manuel Mello, atirador da canhoneta fixa na proa do aerólito. A arma também foi concebida pelo inventor e construída nas Oficinas Mauá, com culatra para a inserção do cartucho metálico e anteparo de metal que se encarregava de limitar e dispersar as chamas do disparo, impedindo que subissem. Afinal, voavam num balão a *hidrogênio*. O motor a explosão Clément-Bayard, de 62 cavalos-vapor, era movido à gasolina. Também possuía aperfeiçoamentos tais que não tossia faíscas ou gás de exaustão aquecido. Apesar de tudo, Ulisses não pôde evitar um frio no estômago, quando Alberto fez os homens girarem a hélice e o motor pegou. Passados alguns segundos, as cordas que os retinham junto ao solo foram soltas das mãos da equipe de terra — o dirigível se lançou adiante, para dentro da clareira e para cima.

De algum ponto próximo, o longo piado de um gavião rasgou o ar, vindo e se afastando como se a ave passasse em vôo. Enquanto o aeróstato ascendia, Ulisses, sentindo-se tomado de nova emoção, pronunciou silenciosamente: “Estamos contigo no ar, voando como os pássaros!” E de fato, ao elevar-se mais o aparelho derivou acentuadamente com o vento que so-





prava acima das árvores. Uma experiência nova para ele, mas não para o inventor: com os binóculos Zeiss nas mãos, aparentava indiferença. Adiante de Ulisses, porém, Mello agarrou-se à balastrada com ambas as mãos. Alberto se moveu até ele. Ofereceu-lhe um de seus frascos homeopáticos, dizendo.

— *Cocculus indicus*, para o enjoo. Dez gotas, na língua.

O sargento apanhou o frasco com um olhar desconfiado visível por entre a serração e a garoa polvorenta. Ulisses não precisou implorar pelo remédio, embora as sacudidas do balão também lhe fossem novidade.

Puderam ver, apesar da serração, a clareira de onde partiram e homens acenando lá embaixo — mas nenhum sinal da Baldwin ou dos ninhos de metralhado-

ra, bem camuflados no terreno.

Logo Alberto fez sinal para que ele soltasse o primeiro cordão de arrasto. Ulisses apanhou a corda mais curta e a atirou por cima da amurada de madeira. Acompanhando-a com os olhos, viu que tocava as árvores mais altas. O dirigível diminuiu a velocidade, aprumou-se. Machadinha em punho, Ulisses manteve-se pronto para cortá-la se ela se enroscasse e forçasse o aparelho para baixo. No ínterim, Alberto e Mello usaram binóculos para sondar os arredores através da neblina. Ulisses recolheu a corda, quando o aeronauta convenceu-se de que o N.º. 29 flutuava a uma altura segura e discreta.

De olho na bússola magnética fixada ao lado dos controles do dirigível, Alberto o fez ir na direção em

que se supunha existir a base de operações dos piratas do ar. Além dos acampamentos e campos de trabalho dos refugiados. O N.º. 29 avançou num bom passo. O sol subiu mais e a serração começou a se dissipar. Alberto passou a exigir mais do Clément-Bayard. Segundo o inventor, seu dirigível podia permanecer no ar “o dia todo” — mas demorou pouco mais de uma hora para que Ulisses visse uma área desmatada da serra, e que não correspondia a dos campos de trabalho. Havia uma forma escura e alongada “pousada” nele, mas impossível de ser identificada, nas condições de visibilidade.

Todavia, antes que pudessem se aproximar, foram surpreendidos pelo surgimento repentino de uma lancha aérea de Robida.

## II. ESCARAMUÇA AÉREA

Ulisses a princípio imaginou que fora a serração, ainda não de todo dissipada, que os havia denunciado. O próprio aparelho de Robida era escuro e sobressaía-se na atmosfera branco-acizentada; o N.º 29 teria efeito semelhante aos olhos dos piratas. Pouco importava, porém. Alberto deu o sinal e Ulisses atirou para fora um rolo de corda mais longa. Ao se enroscar nos galhos, a corda puxaria lentamente o aeróstato para baixo — o aparelho possuía lemes profundos, mas de pouca eficácia a baixas velocidades. Talvez os piratas os perdessem de vista, por conta da camuflagem do balão. E se o N.º 29 fosse abatido, teriam mais chances de sobrevivência numa queda em baixa altitude.

Observando-os circular o dirigível além do alcance da canhoneta ou da pistola, Ulisses reconheceu que as representações e as poucas fotografias existentes não faziam jus a tais naves aéreas. O envoltório aerodinâmico que retinha o gás de sustentação era menos cilíndrico e mais de formato lenticular. E não muito maior do que a barqueta, que por sua vez era muito sólida e de aparência antes metálica que de madeira. Não era *pendurada* no envoltório de gás, mas fixada a ele com o que parecia — perante sua visada armada dos binóculos — serem vigas e traves. E havia muitos rotores e lemes instalados... Ulisses reconheceu que apenas os desenhos do pintor de cenas militares Alvim-Corrêa chegaram perto de realmente retratar tais aparelhos. E que Alberto devia estar correto em sua suposição de um “robidênio”. Nenhum gás conhecido tornaria um deles mais leve que o ar...

A Mauser c-96 ia num coldre de madeira, incômodo de se usar na cintura, mas que se transformava em coronha atarrachável à empunhadura de nogueira. A pistola, de cano de 14 centímetros e carregador de dez munições, virava uma carabina com alcance efetivo de 200 metros. Ulisses baixou os binóculos, prendeu a coronha à arma, ajustou a alça de mira para o maior alcance, clicou para trás a culatra fazendo entrar um primeiro cartucho na câmara. Então afastou a aba do Wolseley dos olhos.

— Ele vai querer nos circundar, baixar de altitude e ficar na posição em que o sol se encontra — Alberto gritou.

Tornara-se óbvio que, embora tivesse perdido altitude e se aproximado mais das árvores, a camuflagem não os despistara dos olhos dos piratas. O aeronauta moveu o N.º. 29 de modo que a proa da barqueta — e a canhoneta nela montada — apontassem para o sol, antecipando em alguns segundos os movimentos da nave de Robida. Era impressionante a velocidade com que a lancha aérea movia-se. Isso ficou mais claro quando ela reverteu a direção, evitando a proa do aeróstato de Santos Dumont.

Os dois aparelhos repetiram a dança aérea, este voltando sua proa armada para o outro, aquele girando e se afastando, mantendo-se no limite do alcance do pequeno canhão manobrado pelo Sargento Mello. Subitamente, a lancha deteve seu recuo, corrigiu o curso e precipitou-se em alta velocidade na direção do N.º. 29.

Alberto encarou Ulisses, olhando por cima do ombro.

— Acha melhor abandonarmos o dirigível? — gritou. — O outro é muito superior a nós, e na altitude em que estamos daria para descer pelas cordas. Precisamos decidir, pois tenho que abrir a válvula do hidrogênio...

— Ele pode só estar tão curioso quanto nós, e cansado desse jogo de gato e rato — Ulisses respondeu. — Mas você é o comandante, Alberto. Já vimos tudo o que podíamos, dessa lancha aérea?

— Oh, Deus! — o inventor exclamou. — Esqueci-me disto. — E de uma sacola a tiracolo, retirou um aparato que Ulisses reconheceu como a máquina de fotografias com lentes especiais, aproximadoras, que Alberto havia preparado. — Já há luz natural suficiente...

Mas antes que pudesse fixar a máquina no suporte instalado na barqueta, Ulisses, que até então mantivera a Mauser empunhada e pronta para disparar, ouviu





um som abafado: um ruído ao mesmo tempo fofo e áspero.

Pensou que, acima de suas cabeças, o invólucro de hidrogênio fora perfurado. Então ouviu o estampido distante do disparo. Com o canto do olho, viu o Sargento Mello dar dois passos para trás e cair sentado, e então de costas, no fundo da barqueta. Viu os lábios grossos se abrirem, mas da boca apenas sangue saiu.

— Mello foi alvejado!

\*

Ulisses fez pontaria contra a aeronave pirata e deitou dez vezes o dedo no gatilho. Então ajoelhou-se ao lado de Mello. Enquanto introduzia um novo pente de munições no *magazine*, examinou o estado do sargento. Um projétil o havia atingido no peito. Tinha o



olhar vidrado e seu único sinal de vida era o sangue a formar bolhas em seus lábios.

Ulisses endireitou o corpo — a tempo de ver o seu posto na popa da barqueta ser trespassado por múltiplos projéteis. Lascas de bambu voaram pelo ar e chegaram até seu rosto, forçando-o a abaixar a cabeça.

A lancha estava já quase que a ultrapassar o dirigível. Ulisses ajustou a Mauser ao ombro e fez fogo. Um, dois, três tiros e então a correção para a esquerda ao perceber que precisava atirar *à frente* do alvo, para atingi-lo.

Mais à esquerda — e à ré do N<sup>o</sup>. 29 — seu olhar captou uma grande sombra a se avolumar. A lancha passou a poucos metros abaixo dela, o contraste foi testemunho de sua natureza concreta e ominosa. O aeróstato foi então sacudido por um fragoroso impacto que jogou Ulisses contra a amurada. Aos seus pés, veio rolando Santos Dumont.

O N<sup>o</sup>. 29 agitou-se como brinquedo nas mãos de uma criança gigante. As cordas que uniam a barqueta ao balão estalaram, as pontas rompidas chicoteando os homens. A estrutura de bambu também estalava e se partia com estampidos. Mas o estrado de madeira manteve a integridade. Acima de suas cabeças,

o grande charuto de gás dobrou-se em dois segmentos — então três, unindo à sinfonia de ruídos o som da seda tremulante e o assovio do gás que escapava. Deitado de costas, a mão esquerda amparando Alberto e a direita agarrada à Mauser, Ulisses compreendeu que uma grande rede — de dimensões verdadeiramente oceânicas — havia *pescado* o N<sup>o</sup>. 29.

A traineira aérea era um dos grandes

navios de Robida, aquele que provavelmente estivera pousado ou flutuando sobre a clareira que ele e seus companheiros planejaram investigar. Espiando por sobre a amurada, Ulisses percebeu que diminuía a velocidade. O barulho dos muitos rotores do *Pequod* aéreo chegava aos seus ouvidos, solicitados na frenagem do enorme aparelho. Em mais uns minutos uniu-se a ele o estalejar das polias motorizadas que puxavam o aeróstato para cima. O charuto de gás se destacou da rede e das cordas que o prendiam à barqueta. Houve um tombo tremendo que lançou Alberto e Ulisses contra o pé da amurada oposta — e o Sargento Mello para o terreno lá embaixo.

A vista agora desobstruída permitiu que Ulisses identificasse um grupo de homens postados numa comprida abertura na barriga do leviatã que os aprisionara. Pensou em usar a Mauser contra eles, mas era certo que hidrogênio escapara do balão. Os piratas também empunhavam pistolas, e também não as usariam... Ulisses imaginou então disparar contra o charuto — sua explosão incendiaria o aparelho de Robida, ou teria a mesma sorte do episódio anterior contra uma das lanchas aéreas? Seria a chance derradeira de causar-lhe algum dano? Quiçá o próprio líder dos piratas não estaria ali dentro, para ser apresentado à morte flamejante no mesmo segundo?

Algo dentro dele recusou-se, porém. Uma ânsia de vida, senão de vitória.

O Capitão Ulisses Brasileiro aceitou passivamente ser içado a bordo do navio aéreo.

\*

Como piratas que eram, não vestiam uniformes — ou usavam peças desconexas de unifor-



Os "piratas do ar"



mes militares de feitios diversos, europeus na maioria, desbotados ou tingidos de cinza. Os homens que os receberam na entrada ventral tinham rostos barbudos, muitos usavam óculos de aviador e lenços azuis ou toucas de couro prendendo os cabelos — e pistolas Luger Parabellum com canos de sete polegadas.

A arma de Ulisses e seus pentes de munição foram apreendidos. Ele perdeu também a machadinha, os binóculos e o canivete e mesmo o cinturão cruzado no peito, as botas e a túnica. O Wolseley já se fora há muito. Descoberto e em mangas de camisa, Ulisses passou a tremer de frio. As mochilas com o velame de seda foram tomadas dele e de Alberto, que perdeu o xale e o chapéu.

Não ficaram diante da abertura por muito tempo. Quatro piratas armados os empurraram para dentro, fazendo-os tomar um corredor. O caminho era feito de painéis e plataformas suspensos por hastes e cabos de aço; oscilavam como num barco. Os painéis eram de borracha, de algum modo enrijecida e moldada. Por entre aqueles que serviam de paredes, podiam entrever outras passarelas semelhantes. Os homens que os escoltavam falavam português.

— De onde são vocês? — Ulisses arriscou inquirir. — De que parte deste Brasil que resolveram atrair?

Um deles riu, um outro o fez tropeçar com uma ras-teira. Ulisses calou-se, mas o homem da risada estava aberto à conversa.

— De um lugar onde fica claro que o seu Brasil nos traiu primeiro. Mas isso corresponderia a todo o Império, não é mesmo?

— O que quer dizer?

— Chega disso. Se não estou enganado, você ainda vai ter muita conversa pela frente.

Chegaram a um ponto do navio aéreo em que seus construtores não seguiram a diretriz de aliviar o peso. Paredes, teto e piso eram de madeira de lei. No cruzamento de dois corredores, Ulisses viu um tipo alto — todo vestindo de botas, calças e casaco de couro de avestruz, com reforços de ombros, cotovelos e joelhos em padrões amarelados e esverdeados —, passar por eles e tomar o mesmo corredor. Tinha cabelos compridos e claros, e na cabeça um capacete de couro com óculos de aeronauta. Segurava nos braços um fuzil Springfield com luneta de pontaria. A luneta tinha uma infinidade de botões de ajuste e hastes metálicas com pesos na ponta. Talvez para compensar fatores como vento e o movimento da aeronave.

Compreendeu imediatamente que fora esse o atira-

dor que colocara o projétil no peito de Mello, a quase cem metros de distância.

— Ei, *você!* — gritou, dando dois passos mais largos para alcançá-lo.

O louro apontou-lhe o Springfield no mesmo instante em que seus braços eram agarrados e ele sentia na nuca a pressão dos canos de duas Parabelluns.

— Você matou um bom sujeito lá atrás — Ulisses disse.

— Têm sorte de precisarmos de vocês vivos — disse o louro. Falava num tom baixo e manso, mas seus olhos miúdos, eslavos e duros tinham um brilho implacável. — A arma do seu camarada era perigosa demais. O fogo de metralhadora na seqüência foi só uma distração. Agora vamos andando.

Calado, Ulisses seguiu-o. Tiveram de caminhar apenas o tempo de Ulisses dar-se conta: fora o *seu* próprio vacilo que permitira que Manuel Mello fosse morto.

\*

Outra seção do mastodôntico navio dos ares. A mesma solidez, muito metal evidente, tubulações e esquadrias, os corredores agora com detalhes do ecletismo francês. Centenas — milhares! — de toneladas. Os homens com que cruzaram vestiam uniforme cinza com divisas, e nos cintos Webleys Mark VI — escolha mais prática aos olhos de Ulisses, do que a Luger Marine-Modell da equipagem dos setores externos do navio. À frente deles, aparentemente por pura coincidência, três homens transportavam as mochilas, armas e os outros equipamentos tomados de Ulisses e Alberto. Detiveram-se junto a uma porta sem marcas, a escolta dos prisioneiros passou por eles.

À esquerda, tinham a face interna de uma das laterais do veículo. Amplas vigias davam conta do céu carregado de nuvens lá fora. Pararam diante da última porta do corredor. O louro bateu duas vezes e entrou. Ulisses e Alberto, nessa ordem, foram empurrados para dentro.

Foi como entrar num quarto de hotel francês.

Próximos de uma fausta mesa de desjejum e parados diante de janelões, dois homens altos e um rapaz encaravam-nos. O primeiro homem vestia a farda cinza, com divisas. Usava óculos *pince-nez* pendurados no nariz comprido e fino; o queixo, coberto por uma barbicha grisalha. Entre os lábios, um cachimbo com detalhes em madrepérola. O outro, roupas civis e um grande crucifixo pendurado no pescoço. Tinha, talvez, quarenta anos. Era esbelto e devia ser, também

## Capitão Robida, o “Pirata do ar”

por algo de sua expressão e porte, um religioso. O rapaz era baixo e vestia um traje apertado, muito vermelho e rebrilhoso. Parecia atlético.

Ulisses concentrou-se no homem uniformizado. Tinha mais de cinquenta anos, rosto macilento, olhos cinzentos. Um ar frio, burocrático — salvo pelo olhar incisivo. Alguém acostumado a comandar.

De Robida, conheciam apenas o nome, a assinatura que respondia por todos os crimes contra a ordem do Império. O vilão assim o desejava, despejando insolentemente

folhetos dos ares, em seguida aos seus ataques. Ameaças, ironia e anúncios de feitos ainda mais audaciosos reservados para o futuro, seguidos sempre do nome de sugestão francesa. Agora, Ulisses suspeitava, estavam diante dele.

— Bem-vindos à *aeronaf Le pilote fantôme* — disse o homem, tomando o cachimbo na mão esquerda —, Capitão Ulisses Brasileiro e Senhor Alberto Santos Dumont. Meu nome é Robert Robida, e os senhores são meus prisioneiros.

\*

Robida não fez menção de cumprimentá-los. Ulisses ainda se sentia sob a mira das Lagers e não fez gesto algum. Robida tornou a falar.

— É uma grande honra tê-lo aqui, senhor Santos Dumont. Ou devo chamá-lo de Marechal-do-Ar Santos Dumont?

— É um título meramente honorífico... — Alberto respondeu.

— Quero que conheça um colega cientista — disse Robida, e indicou o homem ao seu lado —, o mui-



talentoso Padre Roberto Landell de Moura.

— Oh, então é assim que se explica o seu desaparecimento... — Alberto murmurou.

Landell de Moura caminhou para junto dele. Ofereceu a mão a Alberto, que, hesitante, tomou-a.

— E assim também se explica como as naves dos piratas nos envolveram com tanta facilidade — Ulisses disse.

Landell de Moura havia inventado o Teléforo — um aparelho capaz de transmitir sinais ou a voz humana à distância. Seus primeiros experimentos haviam se realizado há mais

de quinze anos. A Imperatriz, ouvindo a respeito, mandou trazê-lo à capital e patrocinou novos inventos. Quando Robida destruiu a rede de telégrafo da Amazônia, o Império recorreu a outro de seus inventos, o Teletiton, para restabelecer parte das comunicações com as províncias do Norte. E então, há cerca de cinco anos, o padre desapareceu sem deixar vestígios. Sua presença ali explicava como a lancha aérea e a enorme *aeronaf* de Robida haviam coordenado seus movimentos, na captura do N.º. 29.

Os olhos castanhos e tristes de Landell de Moura miravam, no mesmo nível, os de Ulisses.

— Sim, o Capitão Robida tem me *coagido* a trabalhar para ele, desde que fui capturado.

Ulisses fez menção de responder, mas foi interrompido.

— Esse homem está sangrando. E por que suas roupas e sapatos lhe foram tomados?

Só se deu conta de que o rapaz era na verdade uma rapariga, ao ouvir sua voz melodiosa. Olhou-a com mais atenção. De fato, tinha um rosto doce, e os cabelos compridos e escuros iam amarrados num coque



em sua nuca. Seus olhos castanhos eram levemente puxados. Mesmo forte de músculos, era miúda e o traje colante que vestia traía formas femininas apesar do busto magro. Ela não precisava de espartilhos, e não os usava. O único detalhe feminino em seu traje era uma gargantilha rosa a envolver seu pescoço, estendendo-se como um babado da mesma cor a descer-lhe pelo peito. Um broche de ouro e prata na gargantilha trazia as iniciais “RR”. No ombro esquerdo, havia uma cruz dentro de um círculo, o círculo apoiado no vértice superior de um triângulo. Ulisses não conhecia a insígnia, e notou que o círculo não era estampa ou costura, mas um disco de um material estranho, saliente em seu ombro.

— Tens razão, querida — ouviu Robida dizer. O comandante do *Le pilote fantôme* se voltou para um dos seus homens. — As botas e a túnica do capitão. E toalhas.

Gesticulou, então, para uma banquetta, atrás da comprida mesa de refeições. Nela havia duas bacias fundas e vários jarros de água. O atirador louro entregou o Springfield a um outro aeronauta, que se retirou com o fuzil. Ficaram dois homens empunhando Lugers. Ulisses avaliou-os. Estavam alerta e tinham-nos cobertos. Foi forçado a acompanhar Alberto e lavar-se para o estranho desjejum.

\*

Ulisses e Alberto sentaram-se à mesa de refeições, sob a mira das armas semi-automáticas. Diante deles, sentavam-se o atirador louro, Robida, a rapariga, e Landell de Moura. O louro não se cansava de dirigir um olhar de rivalidade masculina a

Ulisses — que levantava peso na Academia da Vila Mariana sempre que lhe sobrava tempo, e não se sentia, em absoluto, ameaçado por sua figura. A roupa de couro de avestruz delineava-lhe bem os membros musculosos, mas o louro era tão alto quanto ele, e era obviamente mais leve.

Havia pão fresco, queijo duro, salame e salsichas, estranhas frutas em conserva e um café quase tão bom quanto o da fazenda dos Santos Dumont. Todos os pratos, pires, xícaras e bules iam num encaixe de madeira aparafusados no tampo. Ostentavam um brasão alado com as mesmas letras “RR”. No instante em que o reparava, Ulisses ouviu um tilintar e sentiu que ele mesmo se movia. Nos janelões, o teto nebuloso e plúmbeo pareceu correr mais rápido.

— Estamos acelerando? — Alberto perguntou.

— Sim — Robida respondeu. — Estamos a caminho, meus amigos.

— De onde? — Ulisses quis saber.

Robida fez uma negativa com o dedo indicador.

— Outras questões, primeiro — disse, olhando para Alberto.

O inventor pigarreou para falar, mas Ulisses insistiu:

— Já conhecemos o Padre Landell de Moura e o senhor. E, de algum modo, vocês parecem saber quem somos. — Encarou o louro e a rapariga. — Quem são vocês?

Mas foi Robida quem falou:

— Minha rede de espões é ampla e competente, Capitão Ulisses. A sua primeira subida da serra não foi antecipada por nós, porém, razão do lamentável tiroteio. Depois disso meus espões foram alertados. Fiquei muito feliz em saber



Padre Landell de Moura



## Sven

que Alberto Santos Dumont estaria conosco. — Apontou para o atirador. — Este é meu braço direito, Sven. Assim rebatizado por mim em homenagem ao mais famoso rei da Dinamarca no século onze. Em sua terra natal ele atende a um outro nome. — E o proferiu.

Ao ouvir a palavra indígena, Alberto exclamou:

— Isso significa que a “terra natal” do jovem Sven é a nossa Amazônia?

— Exatamente. Sven é descendente direto de guerreiros vikings dinamarqueses que se instalaram na fronteira inferior do Império Inca, por volta do século onze. Essa colônia viking original dispersou-se com os distúrbios que sacudiram o império antes da chegada dos conquistadores, e o levaram à sua derrocada. Os guerreiros e suas famílias aos poucos foram forçados a assumir o modo de vida dos selvagens da região, tornando-se tão degenerados culturalmente quanto os seus vizinhos atlantes. Conservaram apenas a sua superioridade racial, mas teriam desaparecido como povo se os atlantes não tivessem encontrado neles uma utilidade em particular. Justamente a sua condição racial superior. Tendo filhos com eles, os habitantes da Eterna conservariam sua aparência caucasiana...

— Mas não pelos motivos que você imagina — disse a rapariga.

— Sim, claro. — Robida fez um gesto de desdém. — Espiões brancos teriam melhores chances de se infiltrar nas grandes nações do mundo.

Era tudo fantástico demais. Contudo, a seriedade de Robida, a concordância implícita da rapariga, o olhar plácido de Landell de Moura — tudo de algum



modo parecia confirmar o que dizia o líder dos piratas.

— E quanto a você? — Ulisses inquiriu, dirigindo-se a ele.

Robida deu de ombros.

— Eu exercia múltiplas transações comerciais na Guiana Francesa — disse —, era versado em português e inglês e em alguns dialetos indígenas, e por isso Louis Agassiz, da Expedição Thayer, contratou-me para reconhecer antecipadamente uma parte do seu trajeto.

“Fui dado por desaparecido, em algum momento de mil oitocentos e sessenta e quatro, quando na verdade eu ha-

via descoberto a tribo dos vikings selvagens do clã de Sven, e por meio deles, a localização da Eterna. Com a minha ‘morte’, a expedição americana assumiu um outro trajeto, e essas duas raças perdidas foram preservadas. No que diz respeito a mim, Robert Robida morreu naquele ano, para que Robida, o ‘Pirata dos Ares’, pudesse nascer ao fim de alguns anos.”

Ulisses calou-se. Concentrou-se em comer — e a remoer as palavras ouvidas. Custava a digerir tudo aquilo. Examinou a rapariga. Ela não parecia ter mais de vinte anos. Seus olhos cor de mogno tinham um brilho avermelhado ao redor da íris. E ela os voltava sempre para Ulisses, talvez medindo a extensão dos seus cortes no rosto. Parecia genuinamente preocupada. Do desjejum, serviu-se apenas de frutas.

Ulisses desviou o seu olhar. Examinou os outros à mesa.

Landell de Moura evitava todos os olhares. Sentado à esquerda da jovem, parecia encolhido perante ela, apesar da miudez da rapariga. Mas Robida, sentado à direita dela, inclinava-se sobre ela, como uma



torre oscilante, possessivamente. À direita dele, Sven, ainda medindo Ulisses com um olhar firme. Ulisses voltou a observar a moça. Saber seu sexo o fazia agora atentar para as formas femininas que suavizavam seus ombros e braços fortes. Mais que isso, havia algo nela... Talvez efeito da cor vermelha do seu traje, dos seus olhos. Era como se sua figura tivesse sido recortada de um plano de existência superior e colado ali entre os homens, para colorir a sua existência e lembrá-los de algo que lhes escapava.

— Julgo pelo seu interesse por nossa amiga, Capitão Ulisses, que o senhor deseja também conhecer a origem dela, mas sendo um cavalheiro, hesita em perguntar.

Ulisses voltou-se para Robida.

— De fato, ainda não fomos apresentados.

— Seu nome é Larsinie — Robida disse —, e ela é minha noiva.

Ulisses esforçou-se para não reagir. Notou, porém, que a moça estremeceu.

— Qual é o gás que usam neste... *Le pilote fantôme, Capitaine Robida?* — Alberto inquiriu. — Certamente não se trata de hidrogênio ou hélio.

Teria Santos Dumont também percebido o desconforto dela, e desviado o assunto? Mas não: ele mostrava-se fascinado com o comandante pirata. Mais que fascinado, quiçá. Mais do que apenas excitado com as maravilhas técnicas que o rodeavam? Ulisses lembrou-se dos boatos sobre a natureza efeminada do inventor... Seria possível que seus olhos fincados em Robida cintilassem

por isso?

Robida riu brevemente. Limpou o bigode com o guardanapo.

— É claro que o senhor só poderia pensar nesses termos — disse, condescendente. — Não se trata de um gás, mas de um material muito... diverso. Um material que, quando excitado por determinadas cargas elétricas, não se torna mais leve que o ar, mas altera as relações de peso sob ação da gravidade...

As mãos de Alberto pregaram-se com tanta força contra a beirada da mesa, que o tampo sacudiu-se e a louça tilintou.

— Como nas especulações daquele jornalista inglês... — bradou.

— Wells. Certamente. Uma admirável intuição. Ele entendeu, como o senhor provavelmente também o fez, que meus aparelhos são pesados demais para

serem sustentados pelos gases conhecidos. A dedução dele, por mais fantasiosa que possa parecer, é a mais próxima da verdade.

Alberto perguntou:

— E como chegastes à descoberta desse novo material?

Foi a vez de Robida demorar a responder. Ulisses observou a moça. Ela lhe devolveu o olhar.

— Não o *descobri*, meu caro — Robida disse. — Não é de “pirata do ar” que me chamam? Pois como um bom pirata, eu me *apoderei* dele.

— Dele, e da senhorita Larsinie — Ulisses disse. — E os dois provêm do mesmo lugar?

Robida pôs-se de pé, seguido, em meio segundo, por



*A misteriosa Larsinie*

Sven.

— Percebo que o nosso Capitão Ulisses aprecia exibir seus poderes de dedução — disse o pirata francês. — Pois bem. O senhor está certo. Mas a verdade é muito maior do que poderia imaginar. Está além do seu sonho mais estapafúrdio.

Ulisses notou que ele mesmo havia se levantado. De punhos fechados. E então seu olhar desviou-se de Robida. A rapariga também se punha em pé.

— Sou uma princesa em minha terra — disse ela. Havia tristeza e resignação em sua voz. — Raptada e trazida a Robida por Sven e sua gente. Sou a princesa Larsinie, da Cidade Eterna. Aquela que vocês costumam chamar de “Atlântida”.

### III. PRISIONEIRO DOS PIRATAS

Robida tomou de pronto a palavra de Larsinie. — A Eterna é na verdade uma cidade oculta na densa floresta do Brasil Central, e que imaginamos tenha sido construída por sobreviventes do cataclismo que destruiu a Atlântida da crônica de Platão. Para continuar chamando-a de “A Eterna”, seus dirigentes precisam associá-la diretamente à cidade perdida, como se ela nunca tivesse afundado nas águas do oceano. Apenas um exemplo das excentricidades de um povo culturalmente degenerado, que tem a posse e o usufruto de uma técnica assombrosa, mas que não sabe extrair dela o melhor proveito.

“Tive a boa fortuna de encontrá-los primeiro, por meio de minha associação com o clã de Sven. Os vikings da floresta conhecem o caminho para a cidade oculta e entram e saem sem serem molestados, embora sejam ainda mais ignorantes da técnica superior. O que seria dos habitantes da Eterna, se as autoridades imperiais do seu país, ou de qualquer outra nacionalidade, encontrassem-nos primeiro? Um povo que usa o ouro com total trivialidade? Povo fraco mas que se sente sobre um poder capaz de elevar nos ares a Torre Eiffel ou um *dreadnought* inglês? Por minhas ações, estão protegidos, e os escravos da Amazônia libertos. Sei que o senhor sabe do que falo, Capitão Ulisses Brasileiro. Tens o senhor a coragem de dizer que o que era feito nos seringais era exemplo das melhores atitudes de uma sociedade justa?”

Quando Robida rompeu a rede telegráfica da Amazônia, anunciando-se violentamente para o mundo, jornalistas e oficiais do governo imperial para lá enviados da metrópole trouxeram notícia de brasileiros

de todas as origens — índios, caboclos, nordestinos, mulheres e crianças trabalhando em condições análogas à da escravidão, famintos, presas das doenças tropicais e da violência dos capatazes. Euclides da Cunha, um dos jornalistas mais respeitados do país, relatara as condições dessa gente “encarcerada numa prisão sem muros”. Ulisses reconhecia que o impacto das notícias só não foi maior porque a “Questão Robida” dominava a atenção da Imperatriz. Mas ainda assim, Ulisses lembrou-se do que o tripulante risonho lhe havia dito: “O seu Brasil nos traiu primeiro.”

— Não se iluda, meu rapaz — Robida prosseguiu. — Sou o protetor desses descendentes dos atlantes. Conto com a cooperação deles.

— Você está em atividade há quase duas décadas — observou Ulisses. — Não é possível que esta jovem, que mal parece ter vinte anos de idade, seja a razão do seu poder.

— Tive outros aliados atlantes. A Princesa Larsinie me foi prometida para confirmar a aliança. Ela, porém, possui ainda a relutância romântica da sua juventude e do seu sexo, e fala de “rapto” e “cativoiro”. Não se deixe impressionar. — Ulisses viu a moça baixar os olhos. — Eu terei a custódia dessa técnica superior — Robida prosseguiu. — O fato claro que se nos apresenta é que os povos humanos não possuem a maturidade para manipular tamanho poder. E eu lhes asseguro, senhores, que eu, uma vez obtidos os meios de que necessito, deixarei os assuntos dos países, inclusive os do seu estimado Império Brasileiro, livres de futuras intervenções. Não sou herói ou vilão de *fascicules populaires*, mas um líder pragmático que sabe que precisa ser leal aos seus aliados e libertar os oprimidos para recrutá-los como braços armados.

— Os meios de que necessita para o quê? — Ulisses perguntou. — Libertar mais gente? Desafiar a autoridade de outras nações? Atacar navios e ferrovias de outras partes do mundo? Aterrorizar outras metrópoles?

Robida respondeu com um gesto de desdém.

— O terror é ferramenta política, meu jovem; a própria Revolução Francesa o demonstrou. Minhas intervenções, pequenas no meu entender, moveram os países do Ocidente para longe da preocupação mesquinha do comércio e os lançou numa corrida tecnológica. A cada novo avanço daqueles que desejam a minha derrota, *eu* me benefico. — Indicou Landell de Moura e Santos Dumont. — O ouro da Cidade Eterna me permite estender meu domínio, recrutar ou capturar as melhores mentes, colocá-las a meu servi-



ço. E por favor entenda — abriu os braços, abarcando toda a maravilha técnica que os envolvia —, posso fazer muito com a habilidade dos meus auxiliares e trabalhadores, com madeira, borracha, metal e tecido, mas minha base de operações é a *floresta amazônica*. Eu *preciso* dos parques industriais do mundo, da busca coletiva por novas ligas de metais e soluções técnicas para a criação de estruturas mais leves, para a transmissão mais eficiente da eletricidade, para a comunicação à distância.

— Para manter-se adiante da concorrência, enquanto é caçado por todos? — Alberto perguntou. — Qual é a pertinência de mergulhar nesse círculo vicioso?...

— *Virtuoso*, meu amigo — Robida respondeu. — Pois a técnica de que preciso virá dessa competição desenfreada.

Ulisses apressou-se a dizer:

— E novamente, para *quê*?

Robida aproximou-se de um dos janelões. Apontou para cima, como se as nuvens não fossem obstáculo.

— Para alcançar um outro orbe!

\*

— O que está dizendo? — exclamou Alberto.

Robida sorria. Havia uma chama febril em seus olhos, a voz tremia de excitação. Desaparecera o ar burocrático. Estava tomado por um fervor visionário, maníaco. Recitou a Alberto Santos Dumont:

— “Não há horizonte fechado à ambição humana. Daqui a pouco, o homem não se contentará em pairar perto da terra: quererá desaparecer na vastidão gloriosa, quererá chegar ao limite da atmosfera. Depois, dispensará o ar, atravessará o vácuo, visitará o satélite e os planetas, roçará o sol com as asas e, farto de conhecer este nosso mísero sistema solar, irá estudar os outros, até chegar ao centro deles, a esse centro que Flammarion dá o nome de Deus.” Não foi isso o que Olavo Bilac escreveu, a partir das tuas realizações, Alberto?

— Sim... — balbuciou o inventor brasileiro. — Mas para forjar essas palavras o poeta precisou ignorar todos os seus feitos com aparelhos como este, como se não passassem de rumores...

— Não foi assim que seu governo quis fazer parecer, por tanto tempo? — Robida tornou a sorrir. — Mas ao meu lado, é isso que *farás*, Senhor Santos Dumont. Alcançarás as estrelas! Pois foi essa a verdade maior que encontramos na Eterna. Seus habitantes são os descendentes dos reais atlantes que pereceram milhares de anos atrás; mas aqueles eram os filhos

e netos de seres que aqui chegaram oriundos de um outro orbe, exterior ao nosso sistema solar! Mas no caminho até a Terra, construíram uma estação de trânsito no planeta Vênus. Em nosso mundo, perdeu-se o poder real da sua técnica prodigiosa, afundado no mar, esquecido entre os muros da Cidade Eterna. Mas em Vênus a totalidade desse poder ainda se encontra intacta. E na Eterna temos a chave para acioná-la.

“E já esperei demais. Por insistência dos dirigentes da Eterna, esperei para usar a força da sua substância antigravitacional somente depois que Isabel proclamou a Lei Áurea. Pois vejam, os habitantes da Eterna sempre temeram as ações humanas. Possuem a sua rede de espionagem, mantida pelo ouro e pela discricção dos seus agentes, e acompanham há muito os nossos afazeres. Mesmo que sua técnica seja degenerada, sua elevação moral ainda é superior à nossa e eles temiam que a questão abolicionista fosse esquecida, com o meu surgimento como um poder desafiador do *status quo*. Como foi esquecida a questão republicana, logo depois dos meus primeiros ataques.”

— A sociedade brasileira teria de se solidarizar com o Império, perante uma ameaça como essa — Landell de Moura disse, falando a Ulisses.

— Eu compreendo — Ulisses reconheceu. — Assim como compreendo que, ao nos contar tudo isto, não esperam que saíamos vivos deste lugar.

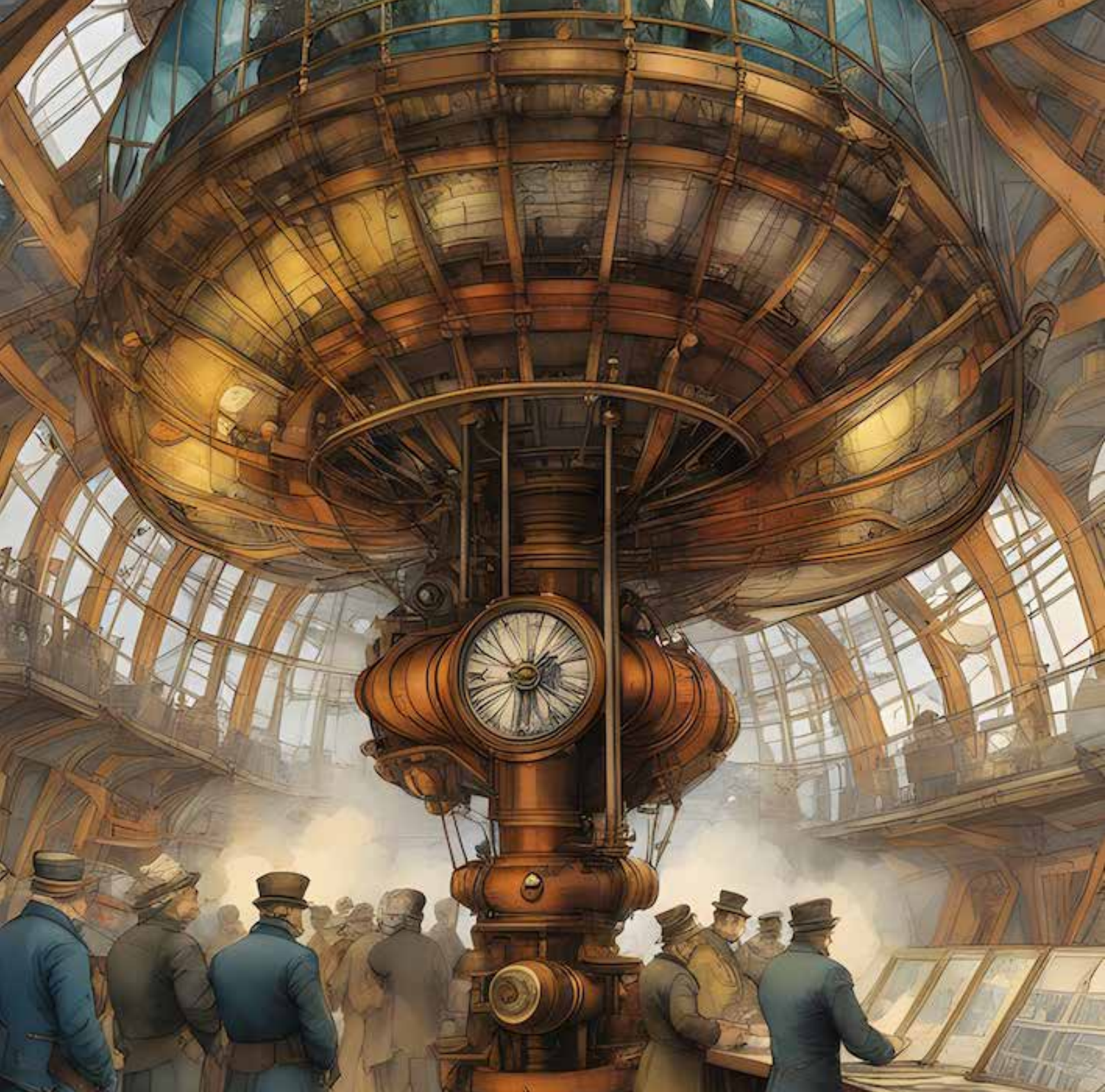
— Santos Dumont se unirá a mim como um aliado — Robida explicou, consultando um relógio de corrente, de ouro, que tinha preso à túnica —, e o senhor irá substituir o homem que nos tirou. Agora voltemos a nos sentar.

Ulisses não teve alternativa senão obedecer. Por todo o tempo, fora coberto pelas Lugers. Ao seu lado, porém, os olhos de Alberto traíam o impacto das palavras de Robida. Seu amigo fora seduzido pelo carisma do pirata dos ares. E pela promessa de alcançar as estrelas.

#### IV. UMA CAUSA SUPERIOR

**N**a semana que se seguiu, Ulisses e Alberto percorreram, guiados por Robida e Sven, as entranhas de *Le pilote fantôme*. Maravilhas a cada dobra dos corredores. Como um enorme recinto aberto para o ar, com três lanchas que dali podiam ser lançadas. E a cada canto, avanços da técnica desconhecida da ciência. Como as baterias elétricas que carregavam o misterioso material de propriedades mi-





lagrosas, anulador da gravidade. Foram informados de que a estrutura superior — que pensavam abrigar o gás de flutuação — servia apenas para sustentar tal material — concentrado num volume similar ao de um coco! — e as baterias excitadoras, e separar seus efeitos da seção tripulada. Do contrário, todos flutuariam sem peso...

Não menos espantoso era o estranho aparato que Robida chamava de “*ordinateur*”. Maior que a caixa de fumaça de uma locomotiva Borsig. Cheio de minúsculas peças mecânicas, como as de um relógio de ouro. Uma das baterias extraordinárias de Robida alimentava-o de força — e no clicar de suas engrenagens, cálculos e comandos realizavam-se no automá-

tico: o desempenho das baterias, a excitação elétrica da substância antigravitacional. A velocidade e a direção do vento... O desempenho dos muitos motores de direção e velocidade do aparelho. Outro invento dos atlantes, restos de sua civilização perdida, mas ligado à multitude de aparatos por uma estrutura de cabos de “energia luminosa” concebidos por Landell de Moura.

Ulisses e Alberto — que a tudo admirava de olhos arregalados — eram frequentemente acompanhados pelo padre inventor. Landell lhes falava das extraordinárias dificuldades técnicas que Robida enfrentaria, para chegar a Vênus: descobrir a real natureza do éter que separava os mundos; construir trajes hermetica-



mente fechados e máquinas de respiro individual e coletivo; aquecer ou resfriar o veículo interplanetário; descobrir quanto tempo duraria a jornada e obter e conservar provisões para ela...

Mas o padre também discutia outras coisas. “Seguimos para a região do Rio Xingu”, disseram-lhes. E, “os navios afundados na Baía da Guanabara traziam canhões antiaéreos Krupp e Erhardt alemães, que Robida quis destruir depois de alertado por seus espíões”. “O jovem aviador Edu Chaves foi sequestrado por Robida, assim como Rolland Garros, na França. Trabalham para ele sob coerção, atacando navios no Mar do Caribe.” Ou, “Robida mandou que disparassem a metralha indiscriminadamente contra o acampamento de trabalho”. Landell de Moura lhes mostrou outra maravilha de sua própria autoria: uma máquina de fotografar certas emanações elétricas invisíveis ao olho nu, causadas pelo vitalismo das criaturas. Fotografou os dois, exibiu-lhes a imagem faiscante de suas cabeças, as diferenças de cores, contornos. Ulisses passou a confiar nele.

Não raro, topavam com Larsinie, a princesa atlante, e jantavam com ela e Robida todas as noites. Nos corredores, iam acompanhados de homens armados de Webleys, ela de uma índia muito alta com um facão preso à cintura. “Uma índia Paraná”, disse o padre. As duas juntas fizeram Ulisses ver enfim o que os olhos puxados da rapariga sugeriam: tanto os seus antepassados quanto os do viking Sven haviam misturado seu sangue aos dos índios.

Sven era outra presença que pare-

cia acompanhá-los, onde quer que fossem. Sempre se apresentava vestido no couro fino de avestruz, trajas diversos em tons diferentes de sépia e pastel. O couro dava-lhe algo de ofídico, que ia bem com seus olhos puxados e ar perverso. Um dia ele apanhou Ulisses sozinho, e disse-lhe:

— Não pense que me engana. Sei que estás determinado a causar problemas. Não o posso tolerar. E na primeira oportunidade, na primeira desculpa que me der, pretendo fazê-lo se unir ao seu amigo morto.

— Por enquanto — Ulisses respondera —, estou feliz com o passeio, e não procuro encrenca.

— Veremos.

\*

Não obstante a ameaça de Sven, não havia canto da *aeronaf* que lhes fosse vetado, salvo pelo passadiço de comando e as armarias. Apesar da guarda arma-

da, ninguém parecia temer que fugissem. Voando a 600 pés de altura sobre a floresta e os campos lá embaixo, era como se todos fossem prisioneiros da Île du Diable.

— Fico feliz em ver que suas feridas estão a cicatrizar — Larsinie disse a Ulisses, no terceiro dia.

— Obrigado. E eu lamento que fostes entregue a um rufião.

Ela apenas sorriu de olhos baixos. Ulisses insistiu:

— Como o seu povo pôde se refrear, no uso de tamanho poder? — perguntou, indicando o navio aéreo.

— Não vemos as coisas em termos de poder, Capitão — disse ela. — Mas em



*Prisioneiro dos “piratas do ar”*

termos de *permanência*. Da permanência de todos — acrescentou, antes de ser levada dali, pela sua acompanhante índia.

Aquilo intrigou-o. E repercutiu silenciosamente com tudo o que vira. Tantas maravilhas e tanto temor perante o poder de Robida. Era tudo avassalador demais. E ainda havia as coisas que Ulisses enxergava na tripulação da nave. Tornozelos deformados por cadeias de ferro. Cicatrizes da chibata nas costas de rapazes. Maus-tratos dos senhores dos seringais, dos capitães dos barcos... Os pobres-diabos que Robida libertara do cativo. Conversava com eles, colhia testemunhos da magnanimidade do pirata dos ares. A realidade concreta da dor falou-lhe mais alto do que as maravilhas de máquinas feitas de ouro e de energias desconhecidas. A dor daqueles condenados ao suor do trabalho para ganhar o pão — que um outro vinha e tomava.

Ulisses passou a mão pelo rosto. O cirurgião de bordo do *Le pilote fantôme* havia raspado seu bigode para tratar um corte numa das narinas, revelando os traços de negro que ele tanto desejara esconder. A marca da avó negra alforriada em Minas Gerais, escrava até os quarenta anos.

Era essa a norma da vida, a divisão entre mestres e servos? Como militar, sabia que alguns davam ordens e outros obedeciam. Supunha-se, todavia, que por um bem maior. Robida não defendia uma bandeira, não se dedicava ao avanço de sua raça. Mas trazia a liberdade aos oprimidos. O Império Brasileiro buscava a glória e o progresso da nação, mas em muitas instâncias oprimia o povo. E Robida acenava com a glória de ser maior que o mundo e suas divisões. *Alcançar um outro orbe!* Ulisses podia sentir em sua mente a vibração dessa idéia nova que tanto capturara a imaginação de Alberto.

Mas havia o fato de que Robida também fazia chover a morte sobre seus inimigos. Lembrou-se de Barroso, Aristides e Mello. E das palavras de Landell de Moura: *“Robida mandou que disparassem a metralha indiscriminadamente contra o acampamento de trabalho.”*

E lembrou-se de Larsinie, raptada ou oferecida em barganha. De qualquer modo, ali — sob o jugo do pirata dos ares, contra sua vontade. Serva ou escrava do libertador.

\*

Dois cartuchos de .30 escaparam da revista, num dos bolsos inferiores da túnica. Ulisses mantinha-os

ocultos e sempre consigo. Durante a noite, no camarote trancado que partilhava com Alberto, decidiu-se a usá-los. Ajoelhando-se junto a um dos cantos, pôs-se a esfregar o pino da fivela de seu cinto contra um tubo de metal que corria verticalmente, do teto ao piso.

— O que fazes? — Alberto perguntou, voz sonolenta.

— Não posso mais ficar passivo, amigo — Ulisses sussurrou. — Qualquer que seja o meu destino, acredito que você não sofrerá qualquer consequência. Robida precisa de você.

— Mas o que pretendes?

Não respondeu. Com o polegar, testou a ponta que tentava criar por atrito. O pino, afinado o bastante, funcionaria como percussor. Apontando o cartucho contra a fechadura da porta, com sorte a romperia. Depois disso, Ulisses tentaria a sorte nos corredores. O camarote não ficava longe de onde, Ulisses havia verificado, Robida dormia. Se chegasse até ele, teria chance de colocar o líder pirata fora de ação.

Enquanto esfregava uma superfície metálica na outra, pensava em Larsinie. O que havia nela que tanto o encantava? Os estranhos olhos vermelhos? Formas femininas mais nuas e mais exuberantes ele vira nas casas de moças francesas em São Paulo e Santos, e peles mais pálidas, e olhos mais claros... Mas certamente jamais uma que fosse tão repleta de uma vivacidade indefinida mas vibrante que a tudo contaminava. Havia ainda o seu quieto estoicismo, que dizia com eloquência do sofrimento que enfrentava, diante da mera presença de Robida. E em meio a essa angústia, preocupava-se com Ulisses e suas feridas superficiais, ou a saúde e o estado de espírito dos membros da tripulação da *aeronaf*, seus virtuais carcereiros.

Ouviu um ruído às suas costas. Levantou-se rapidamente.

— Você fez barulho demais — Alberto sussurrou ansiosamente. — Chamou-lhes a atenção!

— Eu cuido disto.

Em três passos silenciosos, estava junto à porta. Punhos fechados, aguardou. A lingueta estalou, a porta separou-se uma fresta do batente. Ulisses reteve o fôlego e preparou-se para golpear.

— Sou eu — ouviu. A voz de Landell de Moura.

A porta abriu-se, o vulto esguio do padre distinguuiu-se na iluminação baça do corredor. Trazia algo nos braços. Entrou e imediatamente fechou a porta atrás de si.

— O que quer? — Ulisses inquiriu. — Há mais alguém consigo?



## Uma carta de Landell para alertar o mundo

— Não. Ouça-me e entenderás.

— Mas longe da porta.

Sentaram-se no catre de Ulisses. Um som de molas denunciou que Alberto deixava o seu, e aproximava-se para ouvir também.

— Custaram-me todos estes dias, até surgir a oportunidade de roubar a chave deste camarote e a da armaria — disse Landell de Moura. — Vim libertá-lo, Capitão.

Vencido um segundo de perplexidade, Ulisses perguntou:

— Com que intento? E *como*?

— O senhor deve levar as informações que obtive aqui até a Imperatriz. E uma mensagem minha ao Bispado da Guanabara.

— Supondo que eu pudesse deixar esta aeronave em segurança, por que deveria fazê-lo?

Landell de Moura respirou fundo, mas não disse nada. Ulisses podia sentir seu tronco delgado curvado ao lado dele, num momento de curiosa intimidade. O cientista e erudito buscava palavras.

— Pões em questão o teu dever, Capitão?

— Que o senhor coloque levar uma mensagem ao bispo entre meus deveres.

— Lembra-se certamente das minhas fotografias das auras vitais — disse o padre. — Pois nenhuma, dentre todas as que fiz ao longo dos anos, assemelha-se à aura da Princesa Larsinie. A sua natureza essencialmente benévola e sua resignação perante o cativo me fazem acreditar, somados à evidência fotográfica, que ela não pertence à mesma ordem de



seres que nós.

— O que isso significa? — perguntou Alberto.

E diante da hesitação do padre, Ulisses disse:

— Quer dizer que tens evidências de que Robida disse a verdade, ao contar que ela descende dos atlantes... ou que a rapariga possui uma outra natureza? Divina?...

— Suspeitas o mesmo, Capitão? — Landell de Moura inquiriu, quase se esquecendo de manter a voz baixa. — Digo ao senhor que *divino* é apenas Nosso Senhor Jesus Cristo, mas existe uma hierarquia de seres não-humanos, angelicais, e que talvez tu não hesitasses em aplicar tal nome à Princesa Larsinie, se visse as chapas que obtive dela e de

sua aura. As chapas estão em tua mochila, Capitão. Com uma carta minha endereçada ao Bispado. Leve-as até lá e as autoridades eclesiásticas decidirão como enxergar as evidências que colhi.

Ulisses mordeu o beijo.

— Não vou questioná-lo, Padre. — Com a mão direita, apropriou-se do volume que Landell de Moura trouxera. — Com isto, poderei escapar daqui — disse. — O que mais me trazes?... Minha arma e a munição!

— Espero que não a use aqui contra seus semelhantes, mas lá embaixo, contra as feras da floresta.

— A fera que mais me assusta chama-se Sven — Ulisses reconheceu.

Colocou-se em pé e se pôs a vestir a túnica e as botas. Ouviu o padre sussurrar:

— Lamento não tê-lo incluído no plano de fuga,

Alberto. Acredito que o capitão terá mais chances de ser bem-sucedido, se proceder sozinho.

— Temo concordar com o senhor — Alberto disse. — Eu iria apenas atrasá-lo. Mas me pergunto: o que será de nós, o senhor e eu?

— Eu assumirei a responsabilidade. Creio que Robida não será duro comigo, pois precisa de mim para os seus planos. Garanto-te que tu estarás a salvo.

— Assim espero — Ulisses disse. Estava vestido, tinha a mochila às costas, a Mauser na mão esquerda. Ajoelhou-se diante dos dois homens, cujas mãos apertou. — Boa sorte, amigos. Contarei a todos que vocês são prisioneiros de Robida, e que são coagidos a trabalhar para ele sob ameaça de morte.

— Que Deus o acompanhe, Capitão.

## V. SALTO NO ESCURO

O corredor estava deserto, até a seção mais externa da *aeronaf*. Ali, homens ainda trabalhavam em reparos e na vigia da superfície lá embaixo. Equipagem mínima, certamente, no interior pouco iluminado. Ulisses não foi interpelado até que estivesse num dos prolongamentos laterais, exposto aos ventos, do habitáculo do *Le pilote fantôme*.

Um pirata, vestindo um pesado casaco de couro e usando óculos de aviador, disse, ao percebê-lo surgindo do interior da *aeronaf*:

— É cedo para passar o serviço... O que é isso em suas costas?

Ulisses apontou-lhe a Mauser e disse que ficasse calado.

O homem soltou um assustado grito de ajuda, e atendeu ao impulso de sacar sua Luger.

Ulisses sentiu o indicador pressionando o gatilho da Mauser, mas hesitou. Por sua mente, como relâmpagos, cruzaram os rostos de Landell de Moura e de Larsinie, e até mesmo de Manuel Mello respirando sangue, e ele baixou a pistola.

A arma do pirata voou para longe e lá para baixo, atingida por um golpe de *savate*, um chute *fouetté* que apanhou o outro completamente desprevenido. Ulisses prosseguiu com um *chassés dits frontaux* que colheu o homem no queixo e o esparramou de costas no convés de madeira.

Ulisses apanhou o cordão que se estendia da mochila, e rapidamente amarrou a argola do puxador numa saliência da balastrada da *aeronaf*. Preparou-se então para saltar, respirando fundo e fitando o ter-

reno lá embaixo. O sol acabava de nascer no horizonte, fazendo rebrilhar as superfícies do navio aéreo e colorindo a selva e os rios lá embaixo com uma luz espectral acinzentada. Flexionou as pernas...

Ouviu gritos atrás de si. A voz de Sven ecoando pelas galerias suspensas. Soube, de pronto, que o matador vinha atrás dele com seu Springfield.

Ulisses saltou.

\*

Primeiro o rugir do vento em seus ouvidos, um segundo depois o estalejar da seda desfraldando-se. O invento de Alberto Santos Dumont que ele trazia às costas chamava-se “para-quedas” e era, na verdade, um aperfeiçoamento do brasileiro, sobre uma idéia muito antiga. O puxador arrancava o velame de seda da abertura na mochila, a velocidade da queda fazia-o encher-se de ar — tanto ar que a queda tinha sua brutal velocidade diminuída.

Um impacto tremendo contra suas costas, roubando seu fôlego, fazendo suas pernas chutarem o ar. A pistola Mauser quase escapou de seus braços. E então uma sensação entre vôo e queda, diversa do vôo no aeróstato dirigível porque ele seguia pendurado e não apoiado em suas próprias pernas, na barqueta. A mochila tinha tirantes de costura interna. Nelas iam presas as cordas que o uniam ao velame lá em cima. Ulisses segurou um dos tirantes com a mão esquerda, mantendo com a direita a pistola cruzada em seu peito.

Ouviu um zunido, sentiu um projétil roçar-lhe a mão esquerda.

Olhou para cima. Ainda estava bastante alto no seu trajeto até o chão, o velame parecia aceso pelos raios dourados do sol. Acima dele, a sombra escura do *Le pilote fantôme*. O rasgo na seda, causado pelo disparo, alargava-se ao longo da costura. Ainda enquanto olhava, outro orifício abriu-se a cerca de um metro do primeiro.

Ulisses olhou para baixo. O solo estava mais próximo, as árvores pareciam agigantar-se — em sua queda ele já entrava na penumbra do alvorecer. Sentiu que o velame não chegaria a fechar-se por completo até que estivesse a salvo. O perigo real era ser atingido diretamente por um projétil jaquetado em aço, disparado por Sven. No mesmo instante em que se visualizava baleado, um reflexo faiscante à sua esquerda chamou-lhe a atenção.

O fuzil Springfield passava por ele, girando, e foi sumir na copa das árvores.





Ulisses flexionou as pernas, puxando os joelhos para cima — estava prestes a se chocar contra os ramos mais altos.

\*

Balançou a cabeça de um lado a outro, respirou fundo. Sentia-se como quem enfrentara seis *rounds* de *savate*. Os membros dóiam-lhe, especialmente a parte de trás das coxas e o cotovelo direito, moídos pelo impacto contra ramos mais fortes, e seu rosto tinha um novo conjunto de cortes e esfoladuras. A mão atingida pelo disparo apenas ardia...

Levou alguns instantes para dar-se conta de que ainda estava pendurado no ar, o velame enroscado nos

galhos da árvore cuja copa ele atravessara. A perna esquerda enroscava-se dolorosamente na forquilha de um galho. Puxou-a para junto de si. Devagar, livrou-se da mochila e resgatou de dentro dela a pasta de couro com as chapas de Landell de Moura. As dores detiveram sua curiosidade, e ele apenas enfiou a pasta dentro da túnica do uniforme. Equilibrando a Mauser, rangendo os dentes de dor, foi descendo da árvore até o chão. Seguiu mancando para longe, sem se importar em localizar a direção sul — o sol ainda não estava visível no céu. Tinha pressa em afastar-se da árvore com o conspicuo sinal do dossel de seda estendido em sua copa.

De súbito, sentiu que sua proeza fora inútil.

Seria apanhado em pouco tempo, e então executado conforme Sven prometera. Os piratas tinham olhos no alto... e se a floresta poderia escondê-lo, o viking da selva não teria problemas em rastreá-lo. Sven avançaria mais rápido em seu encalço, do que sua habilidade de progredir nesse tipo de terreno.

Seus olhos procuraram entre os galhos das árvores os primeiros sinais da aproximação das lanchas voadoras.

O que viu deixou-o perplexo por um instante.

Um outro pára-quedas descia.

\*

Pensou que pudesse ser Santos Dumont. O amigo teria tomado coragem e aproveitado a confusão a bordo da *aeronaf* para apropriar-se do segundo pára-quedas. Mas logo imaginou que pudesse ser o próprio Sven, depois de extrair a informação, de Alberto ou de Landell de Moura, do que era aquilo. O matador teria tanta pressa assim? Apesar do tempo que passara no *Le pilote fantôme*, Ulisses não sabia em quanto tempo uma lancha era lançada...

Preocupou-se com os dois amigos, enquanto tentava contornar as árvores e os arbustos na floresta, caminhando na direção em que imaginava que o homem no pára-quedas pousaria. Se fosse Sven, tê-lo-ia talvez tão enroscado e indefeso quanto ele próprio estivera minutos antes. Confirmou que tinha a C-96 armada e carregada, e avançou com mais determinação.

O segundo pára-quedas chegara ao

solo por inteiro, junto à beirada de uma clareira. Um rio bastante largo corria do lado oposto dessa abertura entre as árvores. Não viu sinais de quem descera com o pára-quedas. Manteve-se oculto entre a vegetação, arma em punho.

Então uma figura surgiu, saindo das árvores e postando-se junto ao velame descartado. Encarava Ulisses diretamente, enxergando-o sem dificuldade.

Com olhos vermelhos.

Larsinie também havia fugido.

Ulisses deteve o impulso de atravessar a clareira e unir-se a ela. Mas seriam facilmente vistos do alto. Gesticulou para que ela voltasse para o abrigo das árvores e que se encontrasse com ele a meio caminho. Larsinie tornou a desaparecer entre a vegetação, arrastando o velame consigo.

Quando alcançou-a, ela havia removido do ombro o disco que compunha a estranha insígnia, e o tinha

seguro na mão. Sem fugir do seu olhar, esfregou-o diagonalmente contra o seu traje vermelho e colante. No trajeto do disco, a roupa sem costuras, botões ou fecho *éclair* desfazia-se em tiras. O corpo feminino surgiu por completo, pálido e vigoroso perante seus olhos. Por um instante, Ulisses acreditou que enxergava a aura super-humana de que Landell de Moura falara, a faiscar na penumbra.

Larsinie apanhou as tiras a que reduziu o seu traje. Apenas de sandálias e uma apertada peça de baixo, escondeu-as na base de uma raiz que se projetava do solo da floresta. Cobriu os panos com folhas e grave-



*Fuga pela floresta*



tos. Esfregou terra nas pernas brancas até bem alto nas coxas. Então endireitou o corpo e encarou Ulisses com seus olhos rubros. Ulisses notou que ela estava livre da gargantilha com o broche de Robida — a marca de seu cativo.

— Não temos muito tempo, antes que os veículos menores venham atrás de nós — disse.

— Eu compreendo. Mas...

— Podemos falar em um ponto mais profundo na floresta — ela exigiu.

E de pronto, deu-lhe as costas e pôs-se a correr como uma corça por entre árvores e arbustos. Ulisses seguiu-a, admirado dos movimentos fortes e elásticos de seu corpo. Ela corria como se conhecesse cada canto do emaranhado selvático à volta deles, capaz de esquivar-se dos pontos mais densos e impenetráveis. Em breve, porém, ele, ainda dolorido, viu-se também de fôlego curto. Como se o pressentisse, ela diminuiu a corrida para um trote. De voz inalterada, a princesa atlante disse:

— Segui o Padre Landell. E quando vi você deixar sua cela, senti que meu destino era acompanhá-lo. Primeiro fui até onde guardavam a segunda mochila com aquilo que eu já havia deduzido ser um dispositivo de retenção de queda. Então vi que Sven atirava contra você.

— Foi você a responsável pela perda do fuzil dele?

— Eu o derrubei de suas mãos.

— E como soube como usar o cordel sacador do velame?

— Ao chegar à plataforma externa, vi onde você havia amarrado o seu, e tentei fazer o mesmo antes que Sven me agarrasse — ela explicou. — Não sabia se funcionaria, até que senti que o velame se abria atrás de mim.

— Você é uma rapariga de grande coragem. Mas o que pretende fazer? Eu devo seguir para o sul até encontrar alguém que me faculte a comunicação com as autoridades do Império.

— Você não deve fazer isso — ela disse, com algum alarme na voz.

Ulisses deteve-se.

— Por que não?

Enquanto fitava a moça com intensidade, despiu a túnica do uniforme. No ponto em que estavam, brumas úmidas e densas penduravam-se das copas das árvores, preenchendo o ar de mistérios.

— É mais importante que eu informe aos dirigentes da Eterna, sobre os planos de Robida — Larsinie disse, devolvendo o seu olhar. — Só os da minha raça

podem fazer frente a ele.

— O que quer dizer, exatamente?

— O plano de Robida de chegar a Vênus tem um caráter bem outro, do que ele deu a entender. Seu objetivo é apoderar-se de um poder ainda maior, de uma tecnologia da qual ele soube pelos registros da Eterna, e que lhe permitiria conquistar o mundo definitivamente, no tempo de sua vida. De início, imaginou que um filho dele comigo iria realizar a sua ambição de poder, mas com esse conhecimento ele calcula que precisará de apenas mais dez anos aqui, para obter a tecnologia de que necessita. Então partirá para Vênus num vaso capaz de singrar o abismo entre os mundos, e lá ele tentará se apoderar de uma arma que colocaria todos os povos aos seus pés. Uma arma com o poder de liberar as energias da partícula fundamental que vocês vêm chamando de “átomo”.

— Uma única arma teria tanto poder assim?

— Imagine liberar as energias do sol, na superfície da terra.

Ulisses digeriu isso por alguns instantes.

— O Padre Landell nos contou das dificuldades de uma viagem dessas...

— Há informações que ele obteve na Eterna, que funcionaram como um guia de como enfrentar cada desafio da jornada.

— E você pretende convencer seu povo a fazer algo a respeito? As mesmas pessoas que entregaram tais informações a Robida, que entregaram *você* a ele, para fechar uma aliança?

— Sua primeira suposição foi a correta — ela disse. — Fui raptada. Mantida como refém. Meu povo não agiu contra Robida por temer por minha vida. É verdade que ele tem gente da Eterna a seu lado, passando um conhecimento precioso, mas os dirigentes ainda podem agir de maneira determinante.

“Temos existido em segredo durante milênios no território deste continente, mas não como refugiados do cataclismo da Atlântida. Estamos aqui por um motivo: intervir para a salvação do planeta, quando as ações dos humanos o ameaçarem. Por isso monitoramos suas nações e seus avanços na técnica e na ciência, como se tratam uns aos outros e como fazem a guerra. O quanto destroem de outras formas de vida, em suas ilusões de progresso. Garantir a *permanência* de todos é nossa missão, mas temos estado divididos há vários séculos.

“Por um lado, os que dizem que deveríamos ter agido antes, quando os europeus chegaram a estas terras com suas matanças e doenças, e levando espécies

*Larsinie conhece o caminho*

à extinção em outros lugares. Por outro, aqueles que exigem que aguardemos para intervir apenas no momento mais crítico. Pois quando nos revelarmos, estaremos vulneráveis e, falhando na primeira tentativa, não teríamos outra chance de salvar o mundo.”

— Salvar-nos de nós mesmos? — Ulisses disse.

— Mais do que isso, realmente. Salvar o planeta como uma entidade única, o conjunto dos seres vivos que o habitam.

— Para quem? — ele quis saber.

Ela sorriu, antes de responder:

— Também não pensamos nesses termos. Salvá-lo pelo conceito da permanência. A permanência da *vida*, nas suas formas mais ricas e potentes. No momento, salvar o mundo de

Robida, que deseja o poder absoluto e que não medirá esforços para obtê-lo, mesmo que para isso deva soltar sobre a terra o poder mais destruidor que o mundo terá visto.

— Robida livra pessoas do cativeiro e da opressão... — Ulisses ouviu-se dizer.

— E a outras ele mata ou escraviza, com o mesmo senso de propósito — ela respondeu.

Ulisses tinha a túnica na mão que segurava a pistola, e na outra a pasta com as chapas feitas por Landell de Moura. Enfiou a pasta debaixo do outro braço.

— Tens certeza de que conseguirás convencer o seu povo a agir contra Robida? — perguntou.



Pela primeira vez ela hesitou. Ulisses sabia que ela responderia com honestidade.

— Não, não tenho. Temos cometido muitos erros. Esperar demais, certamente. Recorrer aos vikings da floresta para manter a cor de nossa pele. E permitir passivamente que habitantes da Eterna se associassem a Robida e planejassem o meu rapto. Mas não podemos recuar mais. Estamos longe da imagem de um povo decadente, necessitando de um protetor, pintada por Robida. A técnica que ele tanto almeja nós usamos com parcimônia e de acordo com as demandas do momento. E agora a sobrevivência da Eterna depende de determos Robida, impedir que ele chegue a Vênus.

— Não pode voltar

sozinha?

— Estamos próximos. — Larsinie abriu a mão direita. O disco que compusera a sua insígnia estava lá, e Ulisses viu que o triângulo havia se dobrado para dentro, seus vértices tocando a linha do círculo. O invólucro perdera algo de sua opacidade, e um mecanismo de engrenagens douradas agitava-se lá dentro. — Este é outro de nossos aparelhos. Com ele, podemos nos orientar na direção de uma das passagens subterrâneas que levam à Eterna. Mas preciso de você para me proteger. Sven sabe como se locomover na mata, e pode se lembrar da entrada para o subterrâneo...

— Você precisa de mim? — ele murmurou.





*O mundo ficará à mercê de Robida?*

— Não tenho mais ninguém — Larsinie disse.

Ulisses arrancou as divisas de capitão da túnica, e a estendeu à jovem. Larsinie a apanhou, com genuína ansiedade nos olhos de pupilas vermelhas, e a vestiu lentamente. Ele se lembrou do que Landell de Moura lhe havia dito sobre ela, lembrou-se do que primeiro vira nos olhos dela. Uma chama eterna queimando com amor e compaixão.

— Só a você dirijo minha lealdade agora — Ulisses afirmou.

Larsinie engoliu em seco, antes de dizer:

— Não posso fazer a mesma promessa. A missão da Eterna...

— Sou um soldado — ele disse. Aproximou-se dela, envolveu seus ombros com o braço direito, sentiu seu calor incomum. — Minha vida sempre esteve nas mãos dos meus superiores. Vamos.

E assim eles deram as costas a Robida e seus piratas, e aos amigos que ficaram no poder deles — e a antigas adesões e visões de poder, bandeiras, impérios e nacionalidades. Correram com passos leves para dentro do coração da floresta. Rumo a outros conceitos.

Permanência e vida.

*...Para Jerônimo Monteiro (1908-1970)*





*Quais serão os segredos da cidade atlante? Descubra tudo isso na empolgante continuação “Eterna: The Lost City”, de Roberto Causo, que e em breve será publicada em nossa revista!*



# Especial Santos Dumont

## Uma breve biografia do pioneiro da aviação

Por Dario Andrade

Santos Dumont nasceu em 20 de julho de 1873, na fazenda Cabangu, em Palmira, Minas Gerais. O Município foi posteriormente rebatizado com o sobrenome do inventor mineiro.

Era filho do engenheiro Henrique Dumont e de Francisca de Paula Santos. Ambos foram pais que incentivaram a educação dos filhos, os hábitos de leitura e a curiosidade. Alberto se beneficiou enormemente dessas condições oferecidas em casa.

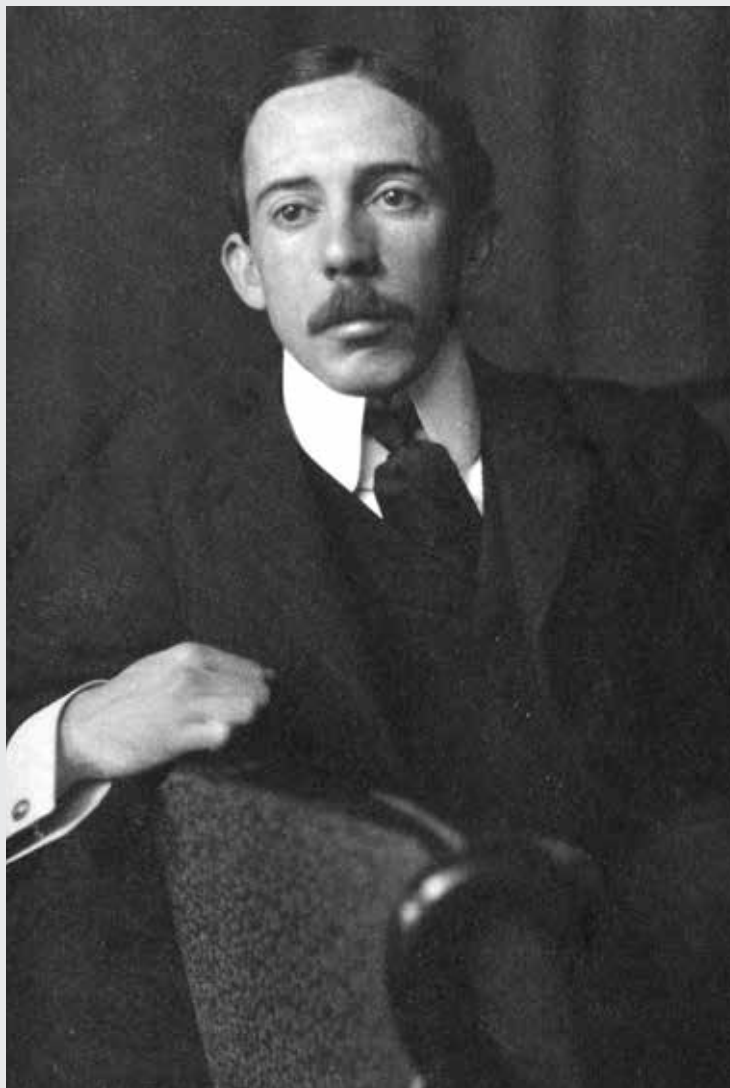
Após a morte do pai, Alberto se mudou definitivamente para a França, país que conheceu em visita anterior, quando já fora conquistado pelo sonho de voar. Depois de um primeiro voo na condição de passageiro, se pôs a estudar para construir o seu próprio balão.

O seu primeiro balão, patrioticamente chamado de “Brasil”, foi lançado em 4 de julho de 1898, quando

Santos Dumont tinha apenas 24 anos de idade. Depois, passou a construir dirigíveis, ou seja, balões manobráveis, uma novidade à época. Com o dirigível nº 5 venceu o prêmio Deutsch, que lhe recompensou

com 100 mil francos — equivalentes, hoje, a cerca de 900 mil dólares —, por ter realizado trajeto que incluía dar a volta na Torre Eiffel em menos de 30 minutos. Ele distribuiu metade do valor para sua equipe e a outra metade para os pobres de Paris.

Santos Dumont continuou a construir novos dirigíveis, mas percebeu que os motores de combustão haviam se tornado confiáveis e potentes o suficiente para sustentar o voo de um avião. É verdade que, já em 1903, os norte-americanos Wilbur e Orville Wright afirmavam serem capazes de construir um avião. No entanto, seus voos eram realizados em ambientes privados e sem testemunhas confiáveis.



*Alberto Santos Dumont*





*Santos Dumont contornando a Torre Eiffel com o dirigível número 5, em 13 de julho de 1901.*

Para dirimir dúvidas, a Federação Internacional de Aviação – fundada em 14 de outubro de 1905 – estabeleceu diversos critérios técnicos do que seria um voo com um avião.

Além disso, o Aero clube da França estabeleceu alguns prêmios para estimular os inventores. O primeiro — a Taça *Archdeacon* —, para o aparelho que voasse mais do que 25 metros. O segundo — o Prêmio do Aero clube da França —, para quem superasse os 100 metros de voo. Em ambos os casos, exigia-se que o aparelho não recebesse auxílio externo. A decolagem deveria ocorrer em tempo calmo e em terreno

plano. Por fim, e talvez o mais importante, o voo deveria ser público e realizado diante de uma comissão de jurados que fossem previamente comunicados do evento.

Santos Dumont conseguiu conquistar os dois prêmios, com o seu *14-Bis*. Na primeira ocasião, em 23 de outubro de 1906, ele conseguiu voar por 60 metros a cerca de 3 metros de altura. A Taça *Archdeacon* era dele. Na segunda ocasião, em 12 de novembro do mesmo ano, ele foi além, voou por 220 metros, a 6 metros de altura.

Conquistou aí o Prêmio do Aero clube da França.





*Santos Dumont conquista o Prêmio Archdeacon, voando 60 metros no Oiseau de Proie II, em 23 de outubro de 1906.*

Ele foi, portanto, o primeiro a conseguir voar segundo os critérios exigidos pela Federação Internacional de Aviação e pelo Aeroclube da França. Tudo público, visto por multidões e registrado em fotos.

A sua conquista incentivou outros muitos pioneiros a voar. Os anos seguintes foram movimentados.

Outros inventores levantaram voo com seus aparelhos. Santos Dumont não ficou parado. Desenvolveu o *Demoiselle*, cuja primeira versão voou em 1907. O inventor brasileiro divulgou os planos detalhados desse último modelo e pôs as patentes à disposição do público. Mais de 300 aparelhos desse modelo foram construídos.

Em 1910, anunciou o desejo de parar. Questões médicas o impeliram a não con-

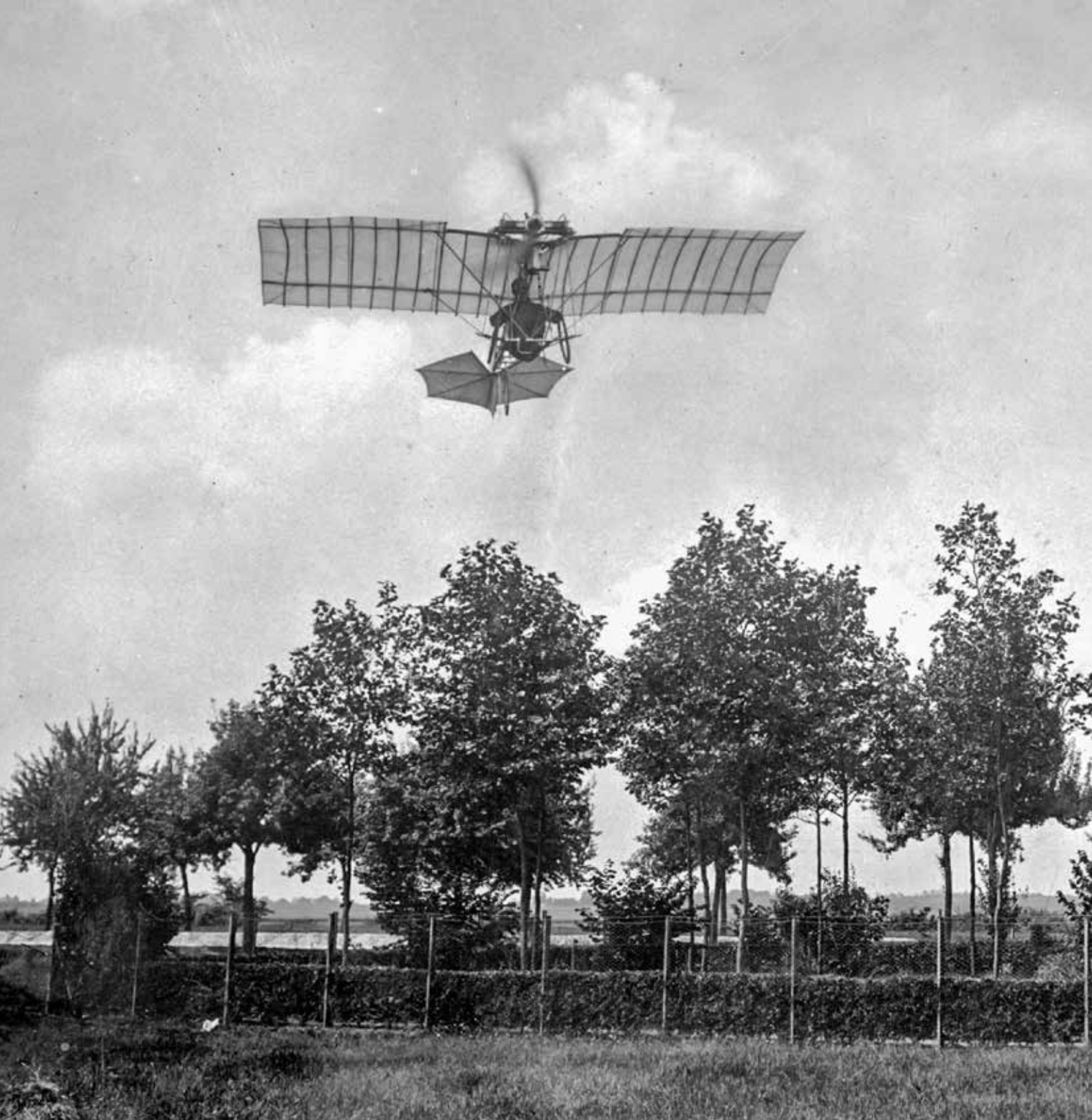
tinuar com os voos.

Santos Dumont foi figura fundamental nos primeiros anos do desenvolvimento da aviação. Em pouco mais de dez anos, ele conseguiu dirigir um aparelho mais leve do que o ar, voou com um avião que seguia todos os critérios exigidos pela Federação Internac-



ional de Aviação e popularizou a aviação ao construir o *Demoiselle*, um modelo simples e cujo projeto estava disponível a qualquer um.

Nos anos seguintes, continuou a trabalhar para popularizar a aviação, coisa que fez até o fim da sua vida. Defendeu que o avião fosse utilizado com fins pacíficos. O uso militar do avião o atormentava e parece que foi a razão que o levou a tirar a própria vida em 23 de julho de 1932, em Guarujá, no litoral paulista.



*O Demoiselle, também conhecida como Libellule, voou em 1907, sendo desenvolvido até 1909.*

Gabriel Voisin, contemporâneo de Santos Dumont e, ele também, um pioneiro da aviação assim descreveu o brasileiro: “Santos Dumont era a própria generosidade, a



*elegância inata, a bondade e a retidão. Dava sem contar e sem prever; movido por uma virtude irresistível. Os que o conheceram não puderam deixar de amá-lo”.*



## Para saber mais sobre a vida de Santos Dumont

**Não faltam biografias do inventor mineiro. Eis algumas sugestões de leitura:**

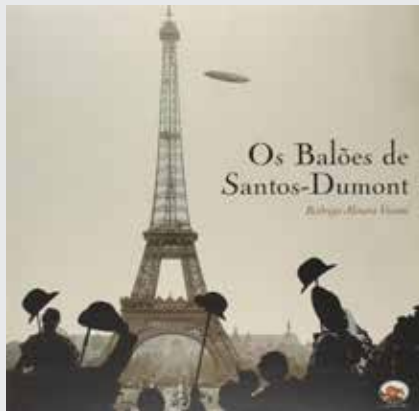
a. BARROS, Henrique Lins de Barros. **Santos Dumont e a invenção do voo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003

O livro é bastante respeitoso com Dumont, mas sem cair uma hagiografia, como acontece com frequência. É muito esclarecedor e fornece elementos que nos levam a entender as grandes realizações do inventor brasileiro, que em um período curto de 10 anos, participou de momentos importantes na criação da então nascente indústria aérea.

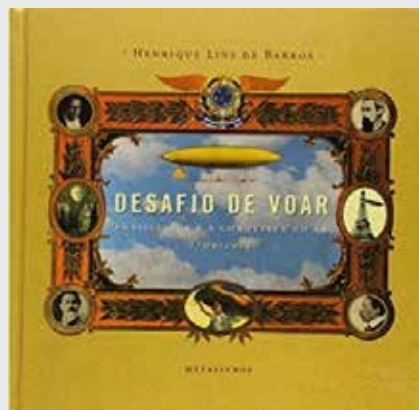


b. VISONI, Rodrigo Moura. **Os balões de Santos-Dumont.** Rio de Janeiro: Capivara, 2010

Lindíssimo livro. Muita informação e ricamente ilustrado. Traz também dez crônicas sobre a aviação escritos pelo próprio inventor.



c. BARROS, Henrique Lins de Barros. **Desafio de voar, brasileiros e a conquista do ar, 1709-1914.** São Paulo: Metalinguagem, 2006.



Neste, o foco não é só Santos Dumont. Vai muito além, mesmo que o inventor mineiro seja uma figura inescapável quando se fala nos primeiros anos da aviação. Trata dos avanços do voo de fins do século XIX até a metade da segunda década do século XX, o que inclui muita gente - estrangeiros inclusos. Além disso, avança no passado do voo no Brasil, desde Bartholomeu de Gusmão até outros muitos que se aventuraram pioneiramente pelos ares.

d. CHEUICHE, Alcy. **Santos Dumont, uma breve introdução.** Porto Alegre: L&PM, 2009.

É uma breve introdução. Faz um bom painel da vida de Santos Dumont, o inventor brasileiro que esteve entre os pioneiros da aviação. Claramente o autor é um apaixonado pelo seu biografado— o que é bom, mas o estilo talvez seja mais literário do que se esperaria de um livro biográfico.



**Dario Andrade** tem 51 anos e mora em Brasília, mas nasceu em Franca, no interior de São Paulo. É leitor de Ficção Científica há décadas. Alguns de seus escritores favoritos nesse gênero são Poul Anderson, Robert Silverberg e Clifford Simak. Pensa — às vezes — que “*Cidade*”, de Simak, é a melhor ficção científica já escrita. Já publicou em outros fanzines e também na própria Somnium. Mantém algumas obras na gaveta, mas quer publicar mais no futuro...

Contatos com o autor podem ser feitos pelo o seu perfil no Instagram: [@darioandrade71](https://www.instagram.com/darioandrade71).

# Especial Santos Dumont

# A obsessão pelo

# VOO

Artigo de Rubens Angelo

## CAPÍTULO I - O VOO MÁGICO

O desejo de voar pode ser tão antigo quanto o próprio Homem. Confinados ao chão, os primeiros humanos viviam uma vida perigosa, limitados pelo alcance de suas pernas e à mercê de inúmeros predadores. Não é difícil imaginar que nossos ancestrais vissem nos pássaros um símbolo de ascensão e liberdade, algo possivelmente místico ou divino, mas certamente digno de nossa inveja. O especialista em mitologia Mircea Eliade, em seu livro *“Mitos, Sonhos e Mistérios”* (editora Almedina, 2019) reforça a ideia de que o desejo de voar é antigo e se conecta com as primeiras manifestações místicas da humanidade, sendo recorrente na história das religiões. Como salienta o autor, “todas as crenças no ‘voo mágico’, todos os ritos de ascensão, todos os mitos que impliquem o motivo de uma comunicação possível entre Terra e Céu são igualmente preciosos para o historiador das religiões.” Eliade cita dois exemplos recorrentes dessa conexão entre o voo humano e o imaginário místico: primeiro, temos os “reis-deuses”, homens que voavam pelos ares, ou que não deviam tocar a terra, pois eram como os Deuses que habitavam os céus; outro exemplo de “homens-pássaros” são os xamanes que, embora capazes de voar, não têm a

pretensão de ser deuses — no xamanismo o voo tem por objetivo uma viagem espiritual, capaz de provocar êxtase, transe ou curas milagrosas.

O historiador Clive Hart, em seu livro *“The prehistory of flight”* (“A pré-história do voo” em tradução livre) compilou todo o tipo de relato sobre as tentativas de voo pelos seres humanos, uma trilha de histórias que vão do místico, passando pelas lendas e chegando ao real. No universo místico, por exemplo, Hart revela algumas associações curiosas entre o voo, deuses e... o sexo. No início de seu livro, o autor revela que na antiguidade as pessoas achavam que o ar tinha um gênero definido e que era feminino. Isso se deve, em parte, por razões etimológicas mas principalmente pela associação do ar com Hera, a deusa grega. Dessa forma, era bastante comum aos gregos pensar na possível ascensão de um homem ao ar como algo que provocasse um êxtase, numa evocação à penetração de uma mulher por um homem — voar devia ser sublime como o sexo. O autor argumenta que a mitologia do voo serviu de base para as futuras tentativas de



*Pintura rupestre pré-histórica remete ao voo, em La Cueva de la Pileta, Benaolan, Espanha. Aproximadamente 25.000 a.C.*

se alcançar os céus. Uma das lendas de voo mais famosas da antiguidade grega é a de Ícaro. Na história, Dédalo — arquiteto e inventor — e seu filho Ícaro se encontram presos no labirinto do Minotauro, na ilha de Creta. Para fugir desta





*“La caída de Ícaro” (1637) de Jacob Peter Gowy, Museo del Prado, Madrid.*

armadilha mortal, ambos construíram asas artificiais a partir da cera de abelhas e penas de pássaros de diversos tamanhos, moldando-as com as mãos para ficarem como asas de verdade. Antes da fuga alada, Dédalo alerta seu filho para que não voe muito perto do Sol, ou o calor derreteria a cera das asas, e nem muito perto do mar, ou os respingos das ondas poderiam deixar as asas molhadas e pesadas. No entanto, Ícaro ignorou os conselhos do pai e, tomado pelo desejo de voar cada vez mais alto e próximo ao Sol, teve as asas derretidas, acabando por cair no mar que hoje leva o seu nome — o Mar Icário, perto de Icária, uma das inúmeras ilhas gregas. A tentativa de imitar as asas dos pássaros, com seu movimento característico e suas penas, seria o modelo para as primeiras tentativas de voo reais.

## **CAPÍTULO II - OS MISTÉRIOS DO AR**

**E** assim como o ser humano tentava decifrar o funcionamento das asas dos pássaros, a própria natureza do ar também era alvo de seu escrutínio mental. E uma das primeiras descrições codificadas do ar veio de Aristóteles (séc. IV a. C.). O filósofo grego definiu que o ar era o terceiro dos quatro elementos fundamentais (terra, água, ar e fogo), e propôs que fosse dividido em três regiões: a primeira é a que vivemos aqui embaixo; a segunda região acima disso é cheia de tempestades, nuvens e distúrbios gerais de efeitos meteorológicos; e acima dela haveria uma terceira região, de calma e serenidade que fazia fronteira com uma zona composta de fogo, que ficaria sobre todas as outras regiões de ar. Essa ideia, apesar de

soar estranha hoje em dia, foi dominante por séculos e só no final do século XII — em especial na Europa Ocidental — que as pessoas começaram a pensar de forma mais racional e analítica sobre a natureza dos quatro elementos e as particularidades do ar. Estes estudos rudimentares sobre a atmosfera influenciaram as ideias sobre o que poderia ou não ser feito nos céus. Como explica Clive Hart, essa proto-ciência absorveu a ideia de que a região acima das tempestades e nuvens era uma área de serenidade, mas os estudos medievais também indicavam que essa região acima deveria ter um ar mais fino — e não estava claro se poderiam realmente respirar esse ar. De todo o modo, a região acima das nuvens tornou-se um lugar misterioso e atraente, um local de calma, felicidade, serenidade, sem problemas causados pelos elementos, onde tudo seria claro, brilhante e cheio de sol. Isso atraiu muito o imaginário das pessoas. No século XIV, o filósofo e bispo alemão Alberto da Saxônia concebeu a ideia maravilhosa de fazer flutuar um pequeno navio em cima desta região de ar superfino. Ele escreveu: “se este navio for colocado na superfície superior do ar, preenchido, no entanto, não com ar, mas com fogo, ele não afundará através do ar; mas, caso se encha de ar, ele afundará. Assim como, se um navio estiver cheio de ar em vez de água, ele flutuará na água e não afundará; mas caso se encha de água, ele afundará.” Esta ideia, um tanto estranha para nosso olhar moderno, abriga as sementes da tecnologia para o balão de ar quente.

### CAPÍTULO III - O BATER DAS ASAS

Sabemos que a humanidade ganhou os céus com os balões “mais leves que o ar” (com os irmãos Montgolfier, em 1783), mas como argumenta o historiador Clive Hart, a conquista do voo pelo “mais pesado que o ar” foi de fato a grande obsessão humana, em sua ancestral ambição de rivalizar os pássaros. Como explica o autor, os seres humanos prenderam penas de pássaros em seus braços e tentaram bater suas “asas” desde tempos imemoriais. Estas tentativas de imitar os pássaros, apesar de ingênuas, fazem parte de uma longa história de aprendizado sobre a mecânica do voo, um conhecimento marcado por acidentes e tragédias. Hart compilou dezenas de relatos sobre essas tentativas. Por exemplo, em uma das festas extravagantes do imperador Nero (século I), o historiador romano Suetonius (“*As Vidas dos*

*Doze Césares*”, VI.xii.2) narra como foi a encenação do mitológico voo de Ícaro, recriado por um devoto ator que prendeu penas aos braços e se lançou de uma plataforma. Suetonius escreveu: “*Ícaro, em sua primeira tentativa de voar, caiu no palco perto do pavilhão do imperador e o espirrou com sangue.*” Não fica claro se o ator foi empurrado para seu fatídico voo ou se morreu numa corajosa tentativa de planar verdadeiramente, para impressionar o excêntrico imperador. O fato é que o mistério e o fascínio de voar como os pássaros persistiu na mente e nos corações dos Homens, fazendo-os desafiar a morte. Centenas de anos depois, no século IX, em Andaluzia (Espanha), o filósofo, médico e inventor Abbas Ibn Firnas cobriu o corpo de penas, prendeu duas asas aos braços e se jogou no ar, a partir de uma elevação. De acordo com o testemunho de vários escritores confiáveis



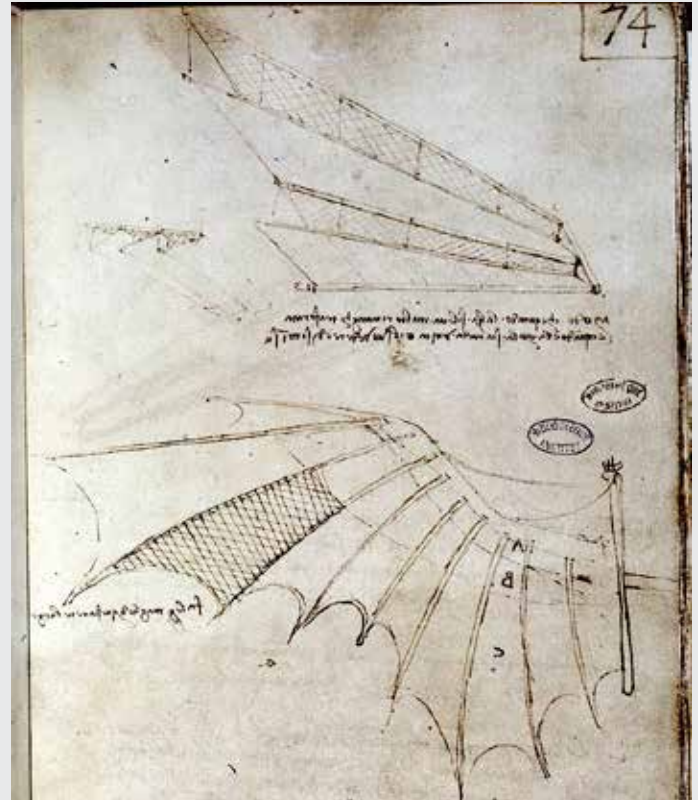
*Nero assiste a queda do intérprete de Ícaro. Pintura de Delacroix, Library-museum of the Comédie-Française.*



que viram a corajosa performance, ele voou por certa distância, como se fosse um pássaro, mas, ao pousar, machucou-se. O acidente seria devido a uma falha projetual: a falta de uma cauda — como argumentou o historiador argelino Ahmed Mohammed al-Maqqari sete séculos após a morte de Firnas, o inventor pagou um preço por não se dar conta de que os pássaros pousam em suas caudas (uma visão equivocada é claro, a função da cauda sempre foi mal compreendida mas hoje sabemos que ela é multifuncional: auxilia na sustentação, estabilidade, no controle da direção, atua como “flaps”, freio, etc). Apesar das muitas pernas quebradas e de fatalidades assustadoras, os Homens continuariam tentando voar nos séculos seguintes, sempre imitando os pássaros.

Segundo Clive Hart, boa parte do problema com o desenvolvimento do voo foi justamente a ideia fixa de imitar os pássaros com o bater de suas asas — essa “fixação”, argumenta o autor, atrasou abordagens mais eficientes, como a da “asa fixa”. É importante lembrarmos que, basicamente, as asas de um pássaro funcionam exatamente como as asas de um avião atual de asa fixa na produção de sustentação, mas as aves fazem isso batendo as asas para baixo e às vezes para frente para produzir um fluxo aerodinâmico — hoje, entendemos esse processo de elevação, mas como lembra o historiador, a ciência da aerodinâmica que explicava a sustentação para as asas não era totalmente compreendida até o final do século XIX. O problema da “imitação” do bater de asas que esses antigos aventureiros do voo não compreendiam era que a musculatura humana simplesmente não era capaz de gerar a força necessária. E há, é claro, um grande problema de escala na relação entre peso e tamanho das asas quando se trata de fazer humanos voarem. Quanto maior ficamos, maiores serão as asas que precisamos — e é bom ter em mente que mesmo o maior pássaro da natureza é muito menor do que nós humanos. Segundo Hart, foi só no final da Idade Média que as tentativas de voar como os pássaros começaram a ter um avanço significativo, para além da ideia de se vestir com penas. O historiador ressalta o trabalho visionário de Leonardo da Vinci, que em 1505 apresentou seu “*Codex sobre o Voo dos Pássaros*”, um estudo minucioso sobre a mecânica de como os pássaros voavam. O grande pintor e inventor italiano também elaborou inúmeros planos para máquinas voadoras, como um aparelho semelhante a um helicóptero, movimentado por quatro homens, um ornitóptero (cujas asas batiam) e um planador semelhante a uma asa del-

ta, cuja viabilidade já foi provada com réplicas atuais — mas planar não era suficiente para a mente inquieta de Leonardo e o bater das asas dos pássaros continuaram sendo um modelo idealizado para o voo.



*Desenhos para a criação de uma asa, de Leonardo Da Vinci, Bibliotheque de l'Institut de France*

#### **CAPÍTULO IV - HOMENS NOS CÉUS DO ORIENTE**

Apesar de dominantes, as asas artificiais não eram o único método empregado pelos primeiros pioneiros do voo. Os chineses popularizaram — e possivelmente inventaram — a pipa em algum momento em meados de 1.000 a. C.. Nos séculos seguintes, muitas lendas chinesas retrataram pessoas que eram erguidas no ar por meio de pipas. O Livro de Sui, datado de 636 d.C., registra que o Imperador Gao Yang (550-559) executou muitos prisioneiros ordenando que eles “voassem” amarrados em pipas, saltando de uma torre. Segundo o relato, um a um, os condenados morreram com a queda de suas pipas, exceto o príncipe Yuan Huangtou, da dinastia rival Wei, que pousou em segurança — esse voo teria ocorrido a partir da “Torre Fênix Dourada”, estrutura com aproximadamente 33 metros de altura.

O famoso explorador italiano Marco Polo, depois de voltar da China em 1295, afirmou ter visto marinheiros chineses levantarem tripulantes bêbados no ar usando grandes pipas. Os japoneses também se tornaram exímios construtores de pipas. Numa das muitas histórias sobre o famoso herói e ladrão Ishikawa Goemon (1558-1594), há um relato de que ele usou uma pipa para roubar as escamas de ouro de um par de esculturas de peixes ornamentais, que ficavam na parte superior do Castelo de Nagoya. Puxado pelos seus homens, Goemon foi içado ao ar, pendurado em um trapézio anexado à cauda de uma pipa gigante. O “Robin Hood” japonês voou — guiado pelos seus cúmplices — até o telhado do castelo, onde ele arrancou as peças de ouro, e depois foi rebaixado pelos comparsas, escapando incólume para repartir o tesouro com os aldeões pobres.



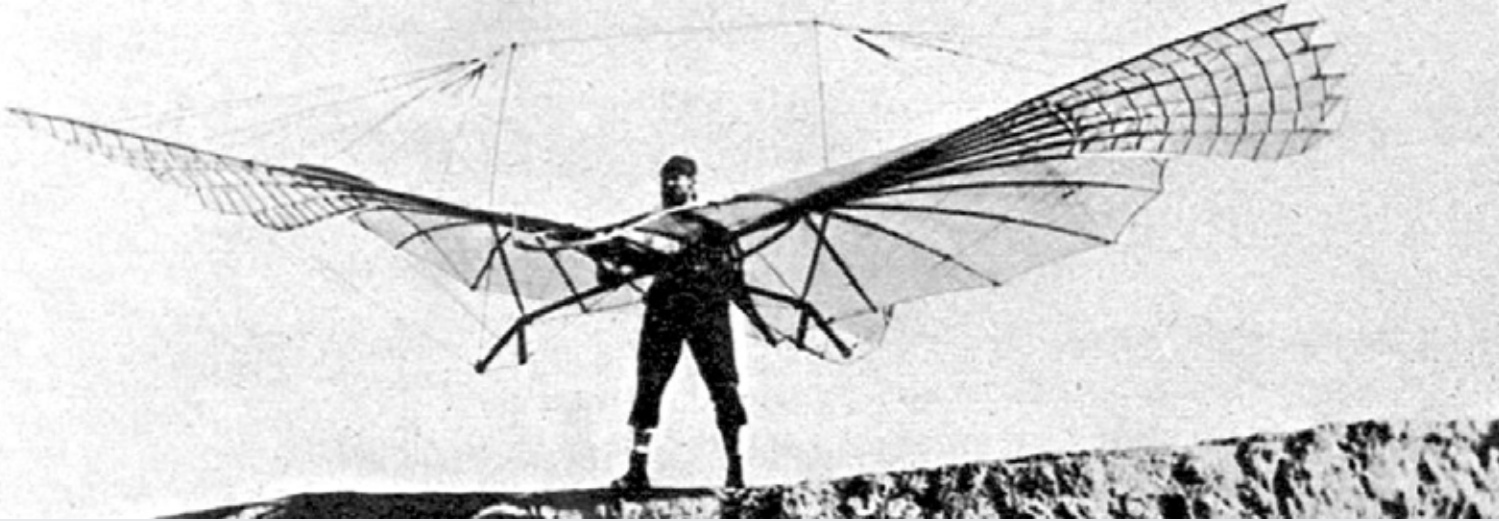
*O ladrão Ishikawa Goemon invadiu o Castelo de Nagoya voando em uma grande pipa.*

## **CAPÍTULO V - O DOMÍNIO DOS ORNITÓPTEROS**

Apesar das pipas se mostrarem como tecnologias promissoras ao voo, não há evidências de que os asiáticos tentaram desenvolver, de forma consistente, um planador de asa fixa. Enquanto isso, na Europa pós-idade média, muitos tipos diferentes de ornitópteros estavam sendo propostos, máquinas projetadas para o voo imitando a maneira como um pássaro bate suas

asas. Segundo o historiador Clive Hart, o ornitóptero do tipo “daVinciano” foi o modelo de projeto para o voo por quase quinhentos anos. O autor explica que o pensamento projetual sobre o voo só deu um salto significativo no século XVII, quando houve um incremento considerável no desenvolvimento da engenharia mecânica. Foi quando surgiram projetos de asas maiores e mais fortes, no intuito de suportar as pressões. Hart cita um voo planado bem sucedido ocorrido nesta época, em que um inventor francês montou asas de couro em forma de morcego, com nervuras de madeira e dobradiças de ferro. Ele conseguiu uma descida segura do telhado da catedral de St. Paul’s, em Londres. Outro voo bem sucedido, ainda no século XVII ocorreu na Holanda, quando um inventor chamado Adriaen Baartjens, usando um conjunto formado com asas grandes e uma cauda, saltou de uma das torres mais altas de Haia, planando até o chão. Baartjens executou voos planados bem sucedidos em pelo menos três ocasiões, até que o prefeito de Haia ordenou que o inventor fosse preso por sua tentativa de voar. O “homem-pássaro” acabou sendo transferido para uma “casa de dor”, local onde pessoas mentalmente perturbadas ficavam presas. Segundo o historiador Clive Hart, esta era uma sina comum aos pioneiros do voo: eram vistos como loucos, ou pior, como transgressores das regras divinas. Como lembra Hart, até o Renascimento, qualquer tentativa de voar certamente era vista como herética, e muitas denúncias envolvendo o voo de pessoas resultaram em severas punições por prática de bruxaria pela Igreja. A Bíblia tem passagens dizendo que o ar é o lar dos demônios e que Satanás é o príncipe do ar. “Vocês estavam mortos em suas transgressões e pecados, nos quais costumavam viver, quando seguiam a presente ordem deste mundo e o príncipe do poder do ar, o espírito que agora está atuando nos que vivem na desobediência.” (Efésios 2:1-3). Com esse pensamento, aquele que voar no ar seria associado às forças do mal. Havia muita ambivalência sobre o voo no pensamento religioso, fator que desestimulou os inventores mais devotos, temerosos de serem vistos como transgressores da fé. Hart cita um exemplo dessa tensão na figura do bispo inglês John Wilkins — que no século XVII era mestre do Wadham College em Oxford e membro da Royal Society. Wilkins era fascinado com a ideia de voo humano, mas também estava ciente das impressões negativas em relação a isso. Apesar de promover a ciência e as invenções, ele declarou cauteloso: “pode parecer uma coisa terrível e impossível atravessar os vastos espaços do ar”.





*O pioneiro inventor alemão Otto Lilienthal com um de seus planadores (1895).*

## **CAPÍTULO VI - O TRIUNFO DAS ASAS FIXAS**

No século XVIII houve muita atividade aérea, principalmente com os balões, mas as tentativas de voar com um equipamento “mais pesado que o ar” seguiam o equivocado caminho dos ornitópteros. Mas em 1799, o inventor inglês George Cayley projetou algo realmente inovador: um planador de asa fixa com uma cauda para controle, com o local para o piloto abaixo do centro de pressão, dando assim estabilidade à aeronave. Cayley testou um protótipo em vários voos planados no ano de 1804, mas sem piloto. Durante as cinco décadas seguintes, Cayley desenvolveu seu protótipo e deduziu muitas das leis básicas de aerodinâmica. Em 1853, um corajoso amigo de Cayley usou o aparelho e conseguiu fazer um voo planado de curta duração, em Brompton-by-Sawdon, Inglaterra. Hoje, Cayley é considerado como o fundador da ciência aerodinâmica, tendo sido a primeira pessoa a descrever a possibilidade de uma aeronave de asa fixa propulsionada por motores.

Outro avanço importante dos planadores aconteceu graças ao inventor alemão Otto Lilienthal, que em 1891 foi capaz de fazer voos controlados com seu planador por mais de 25 metros, de forma consistente, documentando tudo com fotografias. Por essa razão, o alemão é considerado a primeira pessoa a fazer um voo planado controlado, na qual é o piloto que controla a aeronave. Lilienthal acreditava, corretamente, que os pesquisadores da aerodinâmica deveriam começar seus estudos com os planadores, para só então tentar trabalhar em uma aeronave com propulsão. Apesar de vários voos bem-sucedidos, o visionário inventor morreu numa queda de um de seus planadores, em 1896, antes de materializar seu sonho: o de criar um avião (à época, Lilienthal procurava um motor a combustão leve e forte o suficiente para equipar seu ambicioso aeroplano).

Às portas do século XX, era apenas uma questão de tempo para que um aparelho autopropelido “mais pesado que o ar”, com asas fixas, fosse criado. A tecnologia e o conhecimento aerodinâmico estavam disponíveis, mas era preciso montar um verdadeiro quebra-cabeças, estabelecendo um equilíbrio delicado entre a leveza do planador e o peso do motor capaz de gerar propulsão suficiente. Na década de 1890, o balão dirigível já havia sido desenvolvido pelo prodigioso Santos Dumont — uma tecnologia que seria levada ao seu ápice pelo alemão von Zeppelin. Mas logo Dumont trocou os balões pelas asas, principalmente quando conheceu o trabalho do britânico Lawrence Hargrave, que em 1894, conseguiu se elevar 5 metros, sustentado por um conjunto de pipas em formato de “caixa”, um design que ele havia desenvolvido. Esse experimento foi largamente divulgado na Europa e estabeleceu a “pipa caixa” como uma plataforma aérea estável. Com essa ideia promissora, Santos Dumont adotou o princípio das “pipas caixa” para desenvolver sua aeronave “14 Bis”, com a qual ele efetuou o primeiro voo reconhecido oficialmente de um aparelho “mais pesado que o ar”, em 1906, num evento público em Paris. Mais ou menos na mesma época, nos EUA, os irmãos Wright havia desenvolvido uma aeronave chamada “Flyer” a partir do projeto de um planador biplano, de lemes frontais, com ênfase em um sistema de controle mais eficiente que os de seus contemporâneos. Em 1903, com o auxílio de uma catapulta para impulso inicial, o biplano fez quatro voos, mas testemunhados por apenas 5 pessoas. Os primeiros voos públicos dos Irmãos Wright, com a presença de um grande número de testemunhas, foram realizados só em 1908, na França, o que não impediu os norte-americanos de reivindicarem o pioneirismo como os primeiros a voar com um aparelho “mais pesado que o ar”. O fato é que ambas as invenções repercutiram pelo mundo, incentivando novos “aeronautas” a criarem e desenvolverem aeronaves cada vez mais estáveis e eficientes.





*Antiga ilustração mostra o terror do otomanos ao serem atacados por um avião italiano em 1911.*

## **CAPÍTULO VII - O INÍCIO E O FIM**

**E**m 1909, o corajoso inventor Louis Blériot fez a primeira travessia aérea do Canal da Mancha, em seu frágil avião “Blériot XI”. Construído de madeira e tecido, com um motor de 25 hp, o aeroplano voava a 75 km/h e alcançava surpreendentes 1.000 metros de altitude. Esta performance incrível chamou a atenção dos militares, especialmente dos italianos, que na época estavam em guerra com os otomanos. No dia 23 de outubro de 1911, o exército italiano executou o que é considerada a primeira operação militar da história com uma aeronave. Nesse dia, o capitão Carlo Piazza voou com um aeroplano “Blériot XI” sobre a cidade de Trípoli (hoje na Líbia e na época um território otomano) em missão bem-sucedida de reconhecimento para descobrir as posições inimigas. Apenas nove dias depois da missão de Piazza, a Itália protagonizou mais um horrendo feito histórico: o primeiro bombardeio aéreo. O militar responsável pela missão foi o tenente Giulio Gavotti, que pilotou um avião fabricado na Alemanha chamado “Taube” (que em alemão significa “Pomba”), aeroplano um pouco maior que o “Blériot XI” e também mais potente, com motor de 85 hp. No “Taube”, Gavotti conseguiu carregar quatro bombas com explosivos compostos de dinamite, pesando cerca de 1,5 kg cada uma. O ataque foi totalmente manual: o piloto puxava um pino e lançava a bomba em baixa altitude, com uma mão para

fora do avião, enquanto a outra permanecia no manche. Essas pequenas bombas caíram sobre as tropas otomanas, deixando-os horrorizados, pois não conseguiam ver de onde vinha esse fogo aéreo. O frágil “Taube” se mostrou um aparelho de guerra furtivo e mortífero, uma vez que o tecido que o revestia era tão fino que o avião praticamente ficava invisível no céu quando voava a mais de 400 metros de altitude.

O nascimento do avião trouxe consigo a guerra aérea, mas também forjou o mundo moderno que conhecemos. Graças aos aviões, a humanidade podia alcançar qualquer lugar, mesmo os locais mais distantes e inacessíveis. Com suas asas, o Homem enfim conquistou o mundo.

Fontes:

ELIADE, Mircea. “Mitos, Sonhos e Mistérios”. Lisboa: Editora Almedina, 2019.

HART, Clive. The prehistory of flight Hart. University of California Press. Publication, 1985.

**Rubens Angelo** é escritor, designer e pesquisador do fantástico em geral. Também é o editor da revista Somnium, com muito orgulho!

E-mail: [rubensgrafico@gmail.com](mailto:rubensgrafico@gmail.com)

Site: <https://scifitropical.wordpress.com>

Instagram: [@rubensescritor](https://www.instagram.com/rubensescritor)





*Ilustrações: Rubens Angelo/com base em IA*



# Especial Santos Dumont

# A Ideia Fatal

Marcelo Rabello dos Santos

O prof. Velloso era um entusiasta de Santos Dumont. Em suas classes, que ocorriam ao final da tarde, citava quase perfeitamente — e de memória! —, escritos e discursos de Dumont para sua plateia de estudantes sonolentos:

*Nos países novos da América do Sul não há abundância de estradas de ferro, e é a esses que o aeroplano levará a civilização e o progresso. Além das vantagens provenientes da aproximação das cidades, há ainda um ponto para o qual chamo vossa atenção. Todos os países europeus são velhos inimigos e aqui no Novo Mundo devemos ser todos amigos. Seria irrealizável a proteção das costas brasileira e argentina por uma esquadra. Unicamente uma esquadra de grandes aeroplanos, voando a 200 quilômetros por hora, poderia patrulhar estas longas costas.*

Não pude deixar de reparar, entretanto, que nossa classe despertava quando o prof. zombava de pioneiros aeronáuticos esquecidos — o que fazia amiúde. Seria porque o prof. Velloso nessas ocasiões apelava ao sarcasmo? Um de seus alvos preferidos era o conde Zeppelin, que fracassara com suas experiências realizadas na Confederação Alemã. Ou talvez o que nos inquietasse fosse a mera concepção de leviatãs aéreos de centenas de metros, voando a um quilômetro de altura.

Mas, pelos menos em nossa presente realidade, dirigíveis ao estilo proposto por Zeppelin — rígidos charutos de alumínio — não passavam de visões quiméricas. O séc. XX parecia destinado a ser francês. Após defenestrarem seu último imperador — Napoleão III — os franceses tinham tido sucesso em enredar





a Europa e o mundo em suas teias diplomáticas e coloniais. E desde o retorno triunfal de Santos Dumont de Paris ao Rio Janeiro em 1910 — e da criação de um cargo especialmente para ele, o de *Ministro da Ciência e do Progresso* — nós vivíamos o tempo todo às voltas com suas ideias. A própria existência de nossa escola de aeronáutica — e mesmo sua localização, no campo de Santa Cruz, bem próximo ao Rio de Janeiro — eram resultado das ações ministeriais de Dumont.

Ao final da aula de hoje, o prof. tirou de sua cartola verbal outro de seus aeronautas fracassados — mas este era novo para nós, um paraense de nome Júlio César Ribeiro de Souza. Velloso escarneceu

das falácias de Júlio César — tais como “a aerostação é o oposto da aviação” — e de sua falta de conhecimento da física básica do voo. Nos instantes finais, entretanto, as coisas tomaram um rumo inédito — uma nota de respeito insinuou-se na voz de Velloso ao falar de alguém que não Santos Dumont:

— Descobri que Júlio César pode ter esbarrado em algo significativo através um de seus protótipos, o *Le Victoria*. Irei pesquisar este assunto pessoalmente, talvez tenhamos novidades em breve.

Finda a aula, tomei um dos dirigíveis da escola rumo a uma estação próxima ao Morro da Providência, de onde subiria a pé até o pensionato de estudantes de Dona Emerenciana. Era do modelo *Omnibus*, derivado da aeronave n. 10 de Santos Dumont. Capacidade para 20 pessoas, semirrígido, com balonete de pressão interno. Não era uma aeronave para as alturas:



o conforto da viagem dependia do contato da *guiderope*, a corda de lastro, com o solo. Existia para que fosse eliminada a necessidade de caros investimentos em estradas de ferro e estradas, mas não realmente para a conquista dos ares. Esta se daria através do aeroplano — ou pelo menos essa era a doutrina oficial, tal como delineada pelo próprio Dumont no clássico *Dans L’Air*, de 1904.

Outrossim, já estávamos em 1918 e o aeroplano de alta performance não se concretizava, apesar de nossos esforços! Alguns diziam, à boca pequena, que so-

mente uma guerra faria o aeroplano deixar sua infância. Mas quem desejaria romper com esta nossa *Belle Époque*? E como era bela a visão da baía de Guanabara, com os dirigíveis de alta velocidade cruzando as águas a baixa altitude — tudo de acordo com as experiências conduzidas por Santos Dumont em Mônaco no ano de 1902. Dizia-se que em breve tais engenhos conectariam o Brasil à Europa. E o céu estava coalhado de aeroplanos: suas asas translúcidas rebrilhavam com as luzes oblíquas do sol ao entardecer.

Era evidente que o Brasil se desenvolvia, se transformava. Tornara-se em uma nação de aeronautas, profissionais e amadores, com escolas aeronáuticas espalhadas por todo o país. Todos voavam. Por outro lado, muitos já estavam se dando conta de quão imobilizante era a influência maciça do maior vulto nacional. Seus modelos originais eram aperfeiçoados,

mas as premissas fundamentais jamais questionadas. Afinal, a figura de Santos Dumont era a grande unanimidade nacional. Quem desejaria denunciar o único ministro indispensável, o fiador da estabilidade da república — no poder desde sua posse, em 1910? Ninguém, certamente.

Na manhã seguinte, a escola estava tomada pelo caos. Logo ouvi que a *demoiselle*, de modelo 26, com que o Prof. Velloso decolara ao final do dia para ir até sua casa em Petrópolis, caíra logo após a decolagem. A opinião geral era de que se tratava de um acidente. Mas todos nós, estudantes, sabíamos

quão segura era uma *demoiselle*, não por acaso a aeronave esportiva mais popular do planeta — e também quão fácil era sabotar uma. Circulavam estórias disparatadas sobre as dívidas de jogo do professor na Urca, ou sobre uma mulata na Mangueira e seu marido ciumento, mas nada disso realmente explicava por que a polícia vasculhava tão minuciosamente a sala de Velloso.

Veio um policial correndo e sussurrou no ouvido de um oficial de uniforme vistoso. Entreouvi a palavra *telefone*, e entendi que o chamavam ao único aparelho da escola, situado no prédio da direção. Movido pela curiosidade, segui-o. Não ousei entrar no prédio, mas nem precisava: o telefone ficava próximo a uma janela — e todos os alunos sabiam qual. O oficial mais ouviu do que falou, mas as últimas palavras que disse — *Oui, monsieur!* — foram suficientes para assegurar meu interesse.

O oficial saiu apressadamente em direção ao prédio da biblioteca. Não o segui, começando a perceber que o assunto era mais complexo do que um mero acidente. Ora, toda a escola sabia dos interesses comerciais



da *Darracq et Cie* junto ao Ministério da Ciência e do Progresso. Tudo começara com próprio Santos Dumont, que equipara uma de suas primeiras *demoiselles* com um motor dessa empresa outrora dividida, mas que hoje exercia um lucrativo monopólio sobre a aviação e a aerostação brasileiras. Todos sabíamos que a *Darracq* acompanhava com lupa as linhas de pesquisa de nossa instituição, e não me surpreenderia se a polícia carioca estivesse respondendo a eles nesse caso.

Quando o oficial finalmente deixou o local — carregando livros em um saco — ousei aproximar-me. Os bibliotecários, consternados, discutiam entre si o ocorrido, e logo entendi que as obras retiradas eram de Júlio César Ribeiro de Souza. O pedante Velloso, agora morto, nunca me parecera tão interessante. Pena que você andou falando demais, professor! Para o meu espanto, descobri que precisava saber o que o tal Júlio César pensara que era considerado tão perigoso pelos franceses. Não podia parar agora! Chegar antes da polícia à Biblioteca Nacional não seria difícil — isso partindo do princípio de que iriam se dar ao trabalho de confiscar os livros sobre o pioneiro em outros locais que não as escolas aeronáuticas. A polícia usava em seu dia a dia automóveis de fabricação francesa, especialmente adequados às pavorosas estradas. O dirigível que conectava a escola ao centro era certamente mais rápido. A vantagem era minha.

Ao encontrar o oficial já acomodado no dirigível percebi quão falho fora o meu raciocínio. Meu plano teria ainda uma chance? Quando o dirigível chegou na praça XV de novembro, observei o oficial descer





e rumar, a pé, para a biblioteca, antes de atrever-me a segui-lo. Uma caminhada curta, mas que logo me fez suar abundantemente, trêmulo como estava. Quando ele entrou na biblioteca, exibiu insistentemente suas credenciais para coagir os bibliotecários a cumprir suas ordens, irritando-os e distraíndo-os. Tanto melhor: uma discreta consulta ao catálogo conduziu-me à estante correta, com obras relacionadas ao balonau-ta paraense.

O tempo era curto: muito em breve o oficial também estaria aqui. Era importante ler rápido e fugir! Escolhi, ao acaso, um dos livros da estante, e logo me deparei com esquemas do *Le Victoria*: um balão alongado, com asas, não tripulado... Para que serviriam asas em um veículo mais leve que o ar?... Testes realizados na França em 1881... O depoimento de uma testemunha ocular, que li de forma atropelada, foi particularmente esclarecedor:

*O balão Victoria, de 10 m de comprimento sobre 2 de diâmetro, todas as vezes que foi solto no ar avançou segundo a direção que lhe era previamente dada... fosse em sentido oposto ao vento ou em diferentes ângulos em relação à direção do vento, sendo o seu movimento obtido sem o menor impulso prévio, nem o auxílio de propulsor algum, mas unicamente produzido pela sua força ascensional... combinada com a resistência de planos semelhantes às asas e*

*cauda de um pássaro... não tendo os ditos planos movimento algum.*

Estava suficiente claro. Júlio César descobrira que balões com asas podem se deslocar contra o vento sem motores, da mesma forma que um veleiro pode navegar a contravento. Quanta ironia um entusiasta tão árduo do *status quo* como o prof. Velloso descobrir uma ideia que os poderes vigentes consideravam tão ameaçadora. Não haviam arriscado sequer que ele a testasse! Agora, restava-me descobrir o que fazer com esta ideia fatal.

Porto Alegre, agosto de 2023

**Marcelo Rabello dos Santos** nasceu, vive e trabalha em Porto Alegre. Graduado em Música, com habilitação em regência coral, e mestre em Psicologia e Saúde, presentemente dirige os grupos musicais da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Leitor contumaz de ficção-científica, registra suas experiências com o gênero em:

<https://tavernadesmade.blogspot.com/>

Escritor bissexto.

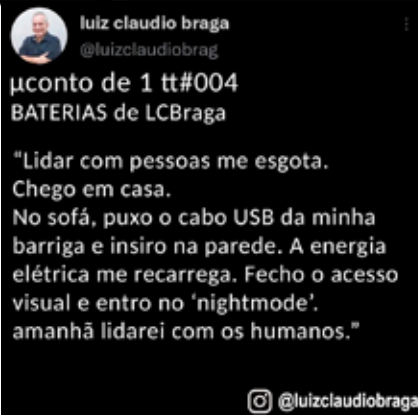
# Quadrinhos fantásticos!

Sci-Fi shorts/Texto: LC Braga Arte: JJ Marreiro





**Sci-Fi shorts/Texto: LC Braga Arte: JJ Marreiro**



**JJ MARREIRO**

Cartunista, Ilustrador, Professor de Desenho e Quadrinhos desde 1991. Com trabalhos publicados nas instituições: Editora Abril, Editora DC Comics e Roaring Sun Studios (Estados Unidos), Maurício de Sousa Produções, Fundação Roberto Marinho e Fundação Edson Queiroz.

Seu trabalho pode ser visto nos sites:  
[www.armagem.com](http://www.armagem.com)  
[www.laboratorioespacial.blogspot.com](http://www.laboratorioespacial.blogspot.com)

**LC BRAGA**

Carioca naturalizado cearense. Escreve contos, livros, roteiros para audiovisual, quadrinhos e jogos para celular. Possui Bacharelado em Direito e especialização em Comunicação Social. Vencedor do prêmio de melhor roteiro em vídeo do XII Cineceara. Foi selecionado para diversas antologias e criou a revista em quadrinhos “Direito Constitucional em Quadrinhos”. Publica diariamente microcontos em seu perfil no Insta (@luizclaudiobraga) e no twitter (@luizclaudiobrag).

# Coluna FATOS EM FICÇÃO

Por Valter Cardoso

No gênero fantástico, qual seria o personagem fictício que mais apareceu em filmes, séries e animações? Darth Vader? Homem-Aranha? Batman? Nada disso. Segundo o IMDB (Internet Movie Database), o vencedor não comenta, apenas solta uma risada característica. Ho Ho Ho. Isso mesmo, o Bom Velhinho vence em disparado com mais de duas mil participações.\*

Alguns outros concorrentes importantes em destaque seriam Drácula (735), Hércules (376), Sherlock Holmes (312) e James Bond (219).

\* Na realidade, dois outros nomes aparecem mais: Deus e Diabo, assim como Morte em 4º lugar. A característica religiosa desses personagens nos levou a retirá-los do ranking de personagens fictícios do cinema.

1º

Lugar

Papai Noel

2º

Lugar

Drácula

3º

Lugar

Hércules

4º

Lugar

Sherlock  
Holmes

5º

Lugar

James  
Bond





# Especial Santos Dumont

# O Steampunk no Brasil

Artigo de Roberto Causo

**F**icção científica recursiva é como chamamos aqueles textos de FC que remetem ao próprio gênero, suas personalidades, situações sociais, e recursos e formatos antigos que a ficção científica assumiu ao longo de sua trajetória, retrazendo cursos tomados anteriormente. O *steampunk* é um tipo destacado de FC recursiva.

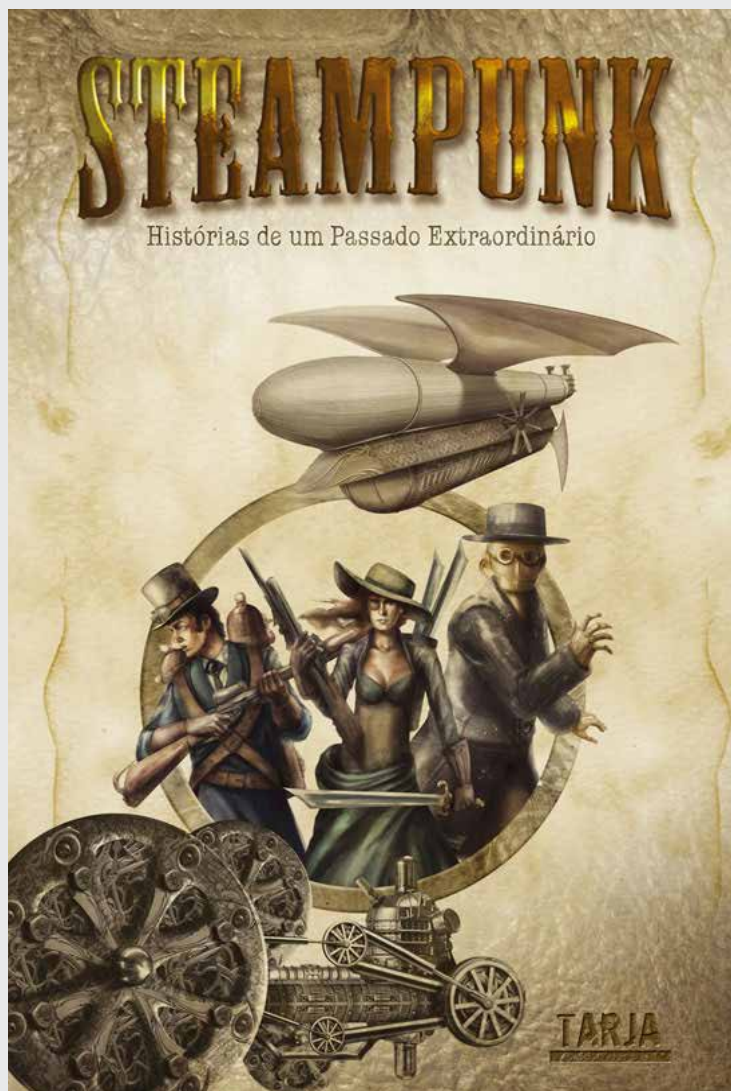
Em anos relativamente recentes —a partir de 2004, coincidindo com a Terceira Onda da Ficção Científica Brasileira —, uma demanda aflorou no *fandom* (a comunidade de fãs e produtores locais de FC e fantasia), a de uma atualização dos subgêneros e tendências que se tornaram proeminentes no mundo de língua inglesa a partir da década de 1990: a FC *cyberpunk* e pós-*cyberpunk*, o *New Weird*, o *Weird Western*, a *new space opera*, a FC *borderline*, a FC *queer* e o *steampunk*.

Essa atualização, em grande parte impulsionada pela militância de um grupo de autores que chamei de “Grupo da Renovação”, e que incluíam Fábio Fernandes, Gerson Lodi-Ribeiro, Octávio Aragão e Carlos Orsi, caiu no

colo de editoras pequenas (e umas poucas de médio porte), mais próximas dos fãs e das suas demandas: Argonautas, Avec, Devir Brasil, Draco, Estronho, Giz, Gutemberg, Tarja, Terracota — e várias outras. O *steampunk* e mais recentemente o *New Weird* em tradução começaram a ser abraçados por editoras de maior porte, mas basicamente foram essas editoras pequenas associadas ao *fandom* que se dedicaram por

mais de dez anos à atualização de subgêneros e tendências, e basicamente com a publicação de material brasileiro.

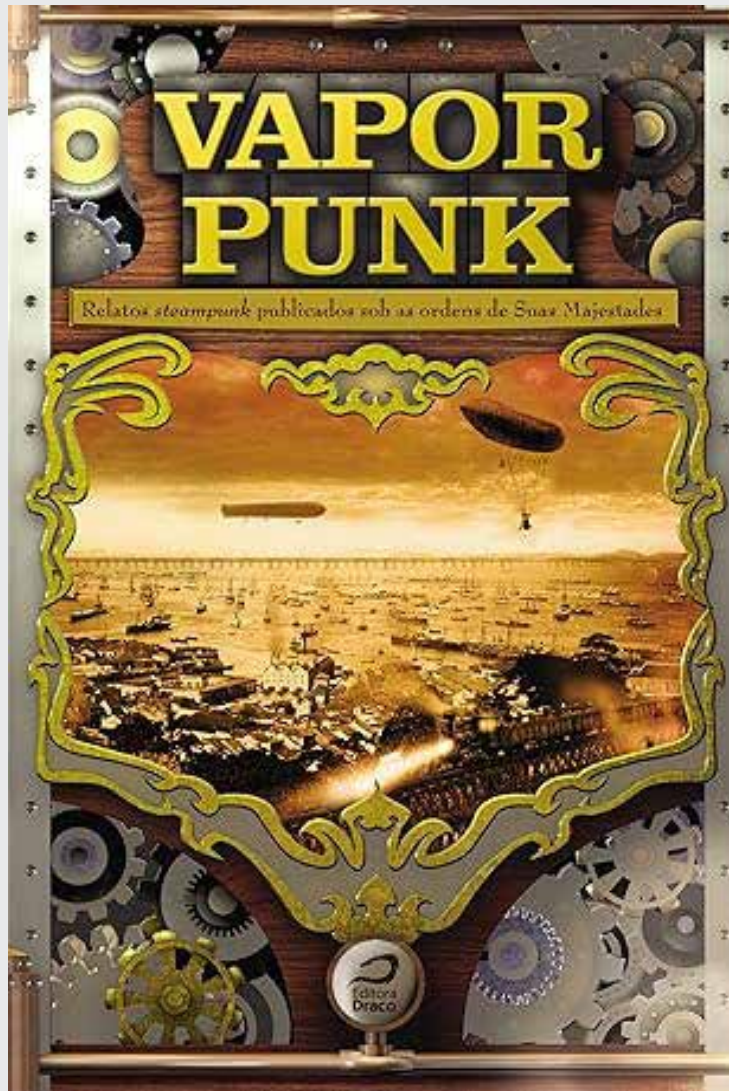
De todos, e de longe, o *steampunk* foi o que melhor se enraizou nessa comunidade de escritores e fãs de FC. Basta listar rapidamente o que tem aparecido dentro desse subgênero, desde fins da primeira década do século: *Steampunk: histórias de um passado extraordinário* (2009), antologia editada por Gianpaolo Celli; *Vaporpunk: relatos steampunk publicados sob as ordens de Suas Majestades* (2010), antologia editada por Gerson Lodi-Ribeiro & Luis Filipe Silva; *Dieselpunk: arquivos confidenciais de uma Bela Época* (2011), antologia editada por





Gerson Lodi-Ribeiro; *SteamPink* (2011), antologia editada por Tatiana Ruiz (apenas com escritoras); *O Baronato de Shoah: a canção do silêncio* (2011), romance de José Roberto Vieira (hoje, Oghan N'thanda); *Delenda* (2012), romance de Amanda Reznor; *Homens e monstros: a Guerra Fria Vitoriana* (2014), romance de Flávio Medeiros Jr.; *A lição de anatomia do temível Dr. Louison* (2014), romance de Enéias Tavares (ganhador do Prêmio Fantasy, um concurso de inéditos); *Vaporpunk II: novos documentos de uma pitoresca época steampunk* (2014), antologia editada por Fábio Fernandes & Romeu Martins; *E de exterminador* (2015), romance de Cirilo S. Lemos; e *Guanabara Real: a alcova da morte* (2017), romance escrito a seis mãos por Enéias Tavares, Nikelen Witter & A. Z. Cordenonsi, e a sequência e volume final, *Guanabara Real: o covil do demônio* (2022); *Viajantes do abismo* (2020), de Witter, premiado com o Argos e finalista do Jabuti; *Juca Pirama, mercado para morrer* (2019) e *Parthenon Místico* (2020), de Tavares, este um ganhador do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica de Melhor Romance de Ficção Científica; e a antologia *Outros Brasis na ficção a vapor* (2022), editada por Davenir Viganon.

Se você consegue comparar essa substancial produção, com qualquer outra corrente exigida pela cam-



panha de atualização da ficção científica no Brasil, você não só é um conhecedor certificado do gênero, como deve partilhar do entendimento de que o *steampunk* possui uma aceitação maior entre nós, do que qualquer outra tendência.

Essa mesma aceitação nos convida a especular sobre as razões desse favorecimento pelos nossos escritores de FC. Existem algumas hipóteses que se comunicam com situações diferentes da cultura brasileira: o fato, por exemplo, de existir um surto editorial muito bem-sucedido, e há mais de dez anos, voltado para o passado imperial e colonial do Brasil — os livros de Laurentino Gomes, como

*1808 e 1822*, sendo provavelmente os exemplos de maior sucesso.<sup>1</sup> É bom lembrar, ainda, que o Brasil monárquico e imperial sobrevive de maneira difusa na cultura popular brasileira, do cordel ao Carnaval, passando pela telenovela, de modo que ele é assunto de certa intimidade que deve facilitar a acolhida.

De todas as tendências e subgêneros, o *steampunk* parece ter saído na frente e ser, por tais razões, mais acessível ao escritor e ao leitor brasileiros.<sup>2</sup> A militância pelo *New Weird* foi pouco eficaz em promovê-lo, talvez pela falta inicial de exemplos traduzidos — e porque as suas raízes, na *weird fiction* de H. P. Lovecraft e Robert E. Howard nos Estados Unidos da década de 1930, pouco se fixaram entre

1 A FC brasileira tem na figura do importante editor Gumerindo Rocha Dorea (1924-2021), um monarquista que publicou, pela sua Edições GRD, obras relevantes como *Princesa Isabel: uma vida de luzes e sombras* (1989), de Hermes Vieira, e *Monarquia: verdades e mentiras* (1994), de Paulo Napoleão Nogueira da Silva.

2 M. Elizabeth Ginway, brasilianista da University of Florida em Gainesville e uma das principais pesquisadoras de FC brasileira no mundo, observa que “o fascínio pelo *steampunk* nunca pegou no México; acho que o período antes da Revolução Mexicana de 1910 (o Porfiriato) é meio tabu — tudo afrancesado foi rejeitado. Isso é uma distinção interessante entre o México e o Brasil.” (Comunicação pessoal por e-mail, 9 de fevereiro de 2019.)



fãs, leitores e autores brasileiros, comparativamente falando. Por sua vez, o *steampunk* pode ser produzido a partir dos seus conceitos (realidade alternativa e retrofuturismo, apropriação de situações e figuras da História) e da sua estética, sem a necessidade de um contato extensivo com exemplos traduzidos. Sob esse ponto de vista, a retórica em torno do *steampunk* aqui difere substancialmente daquela do *steampunk* original americano (da década de 1980), que era mais *gonzo* (excêntrico, sarcástico ou ultrajante envolvendo pessoas, lugares e eventos reais), *nonsense* e subversivo do que o nosso.

Já o *cyberpunk* e a *new space opera* exigem uma leitura específica e conhecimento científico/tecnológico, e sabemos que historicamente esse aspecto é pouco privilegiado pelos autores brasileiros. (O nosso *cyberpunk* mais típico, o *tupinipunk*, é ele mesmo evidência dessa dificuldade, por fugir da característica *super-high tech* do *cyberpunk* anglo-americano e se voltar para o satírico e o *nonsense*.)

Também é passível de ser mencionado aquele velho dilema da FC brasileira — a dificuldade dos nossos autores de imaginarem o futuro do país, como extrapolação coerente, projetado para, digamos, cinquenta ou cem anos no futuro. Dificuldade até certo ponto compreensível, já que saímos de país inviável na década de 1990 para país emergente na dos anos 2000, para despencarmos de novo na depressão econômica e no caos político, pouco depois. Saímos, no meu tempo de vida, de uma direita amasiada com empreiteiros, oligarcas e industriais, passamos por uma centro-esquerda neoliberal, e caímos em uma esquerda amasiada com empreiteiros, oligarcas e industriais. A última reviravolta vai na

☺

**“...o fato é que os exemplos brasileiros expressam o interesse da nossa FC pela história do país e o fascínio dos seus momentos fundadores no século XIX ”**

☺

hora de se imaginar um futuro coerente extrapolado do presente.

O Brasil é provavelmente muito imprevisível na superfície — embora a crise institucional do Governo Bolsonaro sugira que seja muito previsível nos subterrâneos do poder político. Deve ser mais fácil imaginar um passado alternativo de 100, 120 ou 140 anos, do que imaginar o futuro de 50 ou 100. Aqui também, as evidências deixam claro que obras de ficção científica brasileira, seja do tipo *hard* ou mais sociológica, pouco se aventuram dentro dessa faixa perigosa. E quando o fazem, são em geral de autoria de escritores do *mainstream* literário, muitas vezes com intenções mais satíricas e menos extrapolativas.

Isso pode soar como uma crítica negativa — que o *steampunk* só pegou aqui porque nossos escritores não saberiam desenvolver outras coisas de igual ou maior valor —, mas o fato é que os exemplos brasileiros expressam o interesse da nossa FC pela história do país e o fascínio dos seus momentos fundadores no século XIX. Além disso, e certamente mais importante, histórias como o conto “Uma vida possível atrás das barricadas” (2009), de Jacques Barcia, e o romance *A lição de anatomia do temível Dr. Louison*, de Enéias Tavares, atestam o seu profundo potencial literário.



# Prêmio Argos 2023: Vencedores

## Uma tradição com mais de duas décadas

O Prêmio Argos de Literatura Fantástica é a mais importante premiação dedicada ao gênero fantástico no Brasil, englobando fantasia, ficção científica e horror. A premiação anual, que se iniciou no ano 2000, elege as melhores obras do ano anterior em 3 categorias - conto, antologia/coletânea e romance - e é promovida pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), entidade que existe desde 1985 e tornou-se a mais importante difusora do gênero fantástico no país.

### RESULTADO FINAL DO PRÊMIO ARGOS 2023

#### Melhor Romance:

##### VENCEDOR:

- **Estação das Moscas**, de Cirilo S. Lemos

#### Finalistas:

- \* O Fantasma de Cora, de Fernanda Castro
- \* Paradoxo de Theséus, de Alexey Dodsworth
- \* Baluartes: Terra Sombria, de Clinton Davisson
- \* Bem Mal me Quer, de Hache Pueyo

#### Melhor Coletânea ou Antologia

##### VENCEDOR:

- **Os Pilares de Melkart: Viagens de Balthazar e Lísia**, org. por Ana Lúcia Merege

#### Finalistas:

- \* Outros Brasis da Ficção a Vapor, org. por Davenir Viganon
- \* Mafaverna: Democracia, org. por Jana Bianchi e Diogo Ramos
- \* A Study in Ugliness e outras histórias, org. por Hache Pueyo
- \* Fator Morus, org. por Lu Evans

#### Melhor Conto:

##### VENCEDOR:

- **Jogo do destino**, por Ana Lúcia Merege

#### Finalistas:

- \* Sankofa, por Juliane Vicente
- \* O Renascer dos Deuses, por Oghan N'Thanda
- \* Planeta Quilombo, por G.G. Diniz
- \* Fica com Mi-go esta Noite, por Carlos Relva

**PARABÉNS AOS  
VENCEDORES E AOS  
FINALISTAS DE CADA  
CATEGORIA.**

**Comissão Prêmio Argos de  
Literatura Fantástica 2023:**

*Luiz Felipe Vasques  
Eduardo Torres  
Sid Castro*





# Prêmio Argos 2022: Entrevista



Entrevista de Rubens Angelo com Cirilo S. Lemos, vencedor do prêmio Argos 2023 na categoria de melhor “romance” com o livro “Estação das Moscas”.

**RUBENS ANGELO:** Pode nos contar um pouco sobre os motivos que o levaram a escrever literatura fantástica? Algum livro ou autor/autora contribuíram para essa decisão de alguma maneira?

**CIRILO S. LEMOS:** Escrevo desde pequeno. Comecei com fanfics de Indiana Jones, quando tinha uns dez anos de idade. Enquanto crescia, pensava que escrever era um trabalho hermético de intelectuais com máquinas de escrever, copos de uísque e fotos em preto e branco. Não coisa de moleque periférico. Mas quem escreve tem essa coisa mordendo por dentro, uma inquietação que não passa enquanto você não senta na cadeira e enche uma folha de palavras. Essa inquietação fica ainda mais insuportável quando você esbarra com autores que te impactam de alguma maneira. Os meus foram Moacyr Scliar, Rubem Fonseca e Neil Gaiman.

Só depois de começar a escrever é que entendi que escrevia literatura fantástica. Para mim, só estava escrevendo histórias. Podia aparecer um detetive aqui, um alienígena ali, um evento mágico acolá, mas é

basicamente eu tentando fazer literatura com minhas próprias referências. Escrevo a história, depois descubro onde ela se encaixa.

**R.A.:** De onde surgem as suas ideias? Quais livros ou atores te inspiram criativamente nesse momento?

**C. S. L.:** Acho que tenho ideias da mesma maneira que todo mundo: em algum lugar no fundo da cabeça, um caldeirão de elementos cozinha em fogo baixo. Uma conversa com um colega de trabalho, um trecho poema, uma notícia de jornal, uma lembrança, um quadrinho, um filme, um sonho... Em algum momento, esses ingredientes levantam fervura e explodem. O resultado é uma ideia bruta, que precisa ser lapidada, agora de forma consciente. A maioria acaba num caderno de anotações e nunca sai de lá. Outras, com muito trabalho, acabam virando alguma coisa. Em resumo: elas aparecem de repente, como uma barata voadora. Sobre a segunda parte da pergunta, muita gente me inspira e me energiza. Nem todos são da literatu-

ra. No momento, posso citar o livro *Faroestes*, do Marçal Aquino, pela brutalidade e simplicidade, efeito que tento muito alcançar; *Ficções*, do Borges, que se infiltrou no meu livro mais recente, *Um milhão de mim*; *Plastic Jesus*, da Poppy Z. Brite, a quem retorno de tempos e tempos; a discografia do *Soundgarden*, cujos versos estão me assombrando e apontando algumas direções; e

Nelson de Oliveira, quem tem uma energia criativa e uns insights maravilhosos, como se fosse um pedaço de plutônio irradiando literatura.

**R.A.:** Quais as suas obras publicadas até agora? E você já tem um novo trabalho em marcha?

**C. S. L.:** Comecei publicando contos e noveletas, antes de encontrar espaço e confiança para mostrar meu primeiro romance. Eles estão espalhados por várias antologias, a maior parte pela Editora Draco. Das antologias, destaco *Cyberpunk: registros recuperados de futuros proibidos*, que editei em parceria com o Erick Santos e que ganhou um Argos. Os romances, na ordem, são *O Alienado*, *E de Extermínio*, *Estação das Moscas* e *Um milhão de mim*. Todos pela Draco. No momento, estou preparando uma versão redux de *E de Extermínio*, com um capítulo novo, uma coletânea de contos e um romance curtinho. A ideia é que termine tudo nos próximos meses. Vamos ver se dá.

**R.A.:** Seu livro “Estação das Moscas” se passa no subúrbio do Rio, apresentando personagens bem



próximos ao nosso cotidiano. Você acha importante que o escritor nacional fale sobre o Brasil em suas obras?

**C. S. L.:** Acho que os autores e autoras nacionais devem situar suas histórias onde quiserem, mas não há como a gente escapar do Brasil, mesmo quando escrevemos sobre Londres, Roma ou Júpiter. Nossa lente de latino-

☺  
**“...não há como a gente escapar do Brasil, mesmo quando escrevemos sobre Londres, Roma ou Júpiter.”**  
 ☺

-americano, de brasileiro, estará lá. Um pouco mais, um pouco menos, mas estará. Sobre situar as histórias no Brasil, como escolha artística, acho que é algo que combina com as coisas que gosto de escrever, de discutir. Fico mais à vontade, sinto tudo mais real.

**R.A.:** Você acabou de vencer o Prêmio Argos de 2023, o que é um grande feito. O que esse prêmio significa para você?

**C. S. L.:** O Argos é um prêmio que representa a aprovação de leitores e autores experientes, que conhecem o que é produzido aqui e lá fora no campo da literatura fantástica. Persigo-o desde minha primeira indicação, em 2013. Brincava com os meus amigos dizendo que eu havia me tornado uma espécie Leonardo DiCaprio do Argos, batendo na trave sempre que era indicado. Mas um dia o cara levou o Oscar e não tive mais desculpas para me comparar a um galã rico e famoso. Agora, *Estação das Moscas* ganhou o prêmio e um ciclo se fechou. Agradeço as indicações, as leituras e os votos de todo mundo.



# Conheça a nossa equipe!

**A** revista Somnium é feita por um grupo dedicado que tem muito amor pela ficção científica e a literatura fantástica em geral. Para quem não sabe, todos os contos enviados para a Somnium são lidos, primeiro, pelo GRUPO DE LEITURA CRÍTICA. Essa equipe é quem avalia a história, levando em conta aspectos como a originalidade da narrativa, a coerência e a técnica literária do autor(a). Em suma, o grupo decide se o texto submetido será ou não publicado, apresentando, em qualquer dos casos, argumentos e sugestões para possíveis melhorias no texto.



**Dario Andrade**

**Os leitores críticos são a alma da revista. Quer conhecê-los? Eis a turma:**



**Valter Cardoso**



**David Machado**



**Silvio César**



**Hugo Sales**



**João Gomes**



**Nana Calimeris**



**Erick Rezende**



**Guilherme Xavier**



Muita gente me pergunta o que é preciso para ser selecionado, mas a verdade é que não há fórmula nem regra rígida. Se você gosta de literatura de ficção científica, curte histórias instigantes que te faz pensar, então já está no caminho certo. Aceitamos todo o tipo de histórias fantásticas, sejam aventuras espaciais com monstros e robôs, sejam viagens intimistas entre dimensões paralelas. Você imaginou uma história que se passa em um outro mundo, onde os homens cavalgam dragões alados e se armam com cristais que emitem poderosos raios — como magia? Nós gostamos disso também! Os limites estão na sua imaginação e queremos mesmo que exercite ela. Publicamos textos grandes, médios e pequenos — quer mandar uma ficção-relâmpago com 500 palavras? Publicamos também! Então espero que tenha ficado claro: não há regras de tamanho nem temas melhores ou piores. Queremos boas histórias!

**Bem, dito tudo isso, agora vamos a algumas dicas de ouro, que certamente farão seu conto ter mais chances de ser selecionado:**

- Escreva de um jeito simples e direto, de forma que o leitor entenda tudo o que você quer dizer. Excessos de termos técnicos, frases longas ou descrições demoradas podem atrapalhar o entendimento do texto.
- Revise seu texto (ou peça para um amigo fazê-lo). Um conto bem escrito, sem erros de português, é sempre um conto melhor.
- Tenha consciência de que tudo que está no texto é necessário. Contos longos exigem mais técnica literária e suas chances de errar aumentam. Por vezes, menos é mais.
- Conte uma história, debata uma ideia, mas lembre-se que é sempre bom mostrar personagens que sintam, que desejem, que sofram, que vivam ou que morram. Bons personagens seguram o leitor e são os seus olhos e ouvidos no mundo ficcional que você criou.

É obrigatório falar do Brasil ou ter personagens brasileiros? É claro que não. Mas tenha em mente que grandes autores falam daquilo que conhecem bem, daquilo que têm alguma intimidade. Como brasileiros, conhecemos bem o nosso lugar, nossa cultura, nossa frustração. Esteja preparado para críticas e sugestões. Os textos publicados

passam por um processo de leitura crítica do editor junto ao autor, é assim que profissionalizamos nossa literatura. Mal posso esperar para ler e publicar suas histórias!

**Envie seu texto para o email:**

[envio-somnium@clfc.com.br](mailto:envio-somnium@clfc.com.br)

E coloque no assunto a palavra “CONTO”.

*Rubens Angelo, Editor*